



# Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

julho-agosto de 2012



Exemplar avulso: R\$ 10,80

## *Espírito Santo*

Presente e atuante,  
ontem, hoje e sempre



# A verdadeira grandeza

“**A**isso João respondeu: ‘Uma pessoa só pode receber o que lhe é dado dos Céus. Vocês mesmos são testemunhas de que eu disse: Eu não sou o Cristo, mas sou aquele que foi enviado adiante d’Ele. A noiva pertence ao noivo. O amigo que presta serviço ao noivo e que o atende e o ouve, enche-se de alegria quando ouve a voz do noivo. Esta é a minha alegria, que agora se completa. É necessário que Ele cresça e que eu diminua’ (Jo 3:27-30).

Vivemos em uma cultura na qual ter sucesso é quase obrigação. Para isso, muitos estão dispostos a pagar qualquer preço. O importante é não nos perdermos no anonimato, mas sermos reconhecidos em nosso campo de ação. O medo de fracassar chega a ser obsessivo para muitos.

Infelizmente, nós pastores não estamos livres de cair na tentação de ver o ministério pastoral como uma profissão na qual o mais importante é chegar o mais longe possível no menor tempo possível. Diante desse desafio é imperioso

que nos voltemos para a Bíblia, onde podemos encontrar respostas oportunas que nos ajudam a edificar a vida sobre terreno firme, e não sobre a areia movediça dos paradigmas humanos que podem destruir nossa vida espiritual e nosso ministério.

A vida e obra de João Batista podem lançar luz sobre a compreensão deste tema. As palavras de Cristo testificam que o trabalho de Seu precursor foi aprovado por Deus: “Eu lhes digo que entre os que nasceram de mulher não há ninguém maior do que João” (Lc 7:28). Dificilmente podemos imaginar referência mais eloquente do que essa, feita a um ser humano. Porém, há interrogações: O que fez João para merecer tal reconhecimento? Como podemos trabalhar de tal maneira que sejamos aprovados por Deus?

Possivelmente encontremos respostas para isso no episódio relatado em João 3:22-30. Essa passagem descreve um momento crucial do ministério de João. Ele havia apontado Jesus como o “Cordeiro de Deus” e as multidões começavam a voltar sua atenção para o Mestre da Galileia,

o que motivou a seguinte observação dos discípulos de João Batista: “Mestre, aquele Homem que estava contigo no outro lado do Jordão, do qual testemunhaste, está batizando, e todos estão se dirigindo a Ele” (Jo 3:26). Mas a resposta surpreendente que ouviram culminou com uma declaração reveladora da estatura moral de seu mestre: “É necessário que Ele cresça e que eu diminua” (v. 30).

Ellen G. White comenta: “Em face da maneira de avaliar do Céu, o que constitui a grandeza? Não o que o mundo considera como tal... quando pervertido para o serviço do próprio eu, quanto maior o dom, tanto maior maldição se torna. Valor moral, eis o que é estimado por Deus” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 219).

Na resposta de João, há três elementos que devem pautar a vida de todo pastor que deseje a aprovação do Céu. 1) João sabia que era apenas um mordomo, encarregado de administrar os negócios de seu Senhor. Sabia que o povo que então se dirigia a Cristo não lhe pertencia; era propriedade de Cristo, e, temporariamente,

esteve sob os cuidados dele. 2) João conhecia sua identidade. Não caiu no erro de confundir quem ele era com o que ele fazia. Sua identidade como servo de Deus não dependia do apoio da maioria. 3) João entendeu que não existe maior privilégio do que se anular para que Deus receba a honra. Decidiu não dizer nem fazer nada que obscurecesse o progresso do reino de Deus. Entendeu que, apequenando-se, seria grande aos olhos do Céu.

João nos ensina que a verdadeira grandeza não consiste em atrair a atenção e a honra para nosso trabalho nem para nós mesmos. Em todas as circunstâncias, nossos esforços devem ser direcionados a engrandecer o nome de Deus, o proprietário de tudo o que somos e temos. Na próxima vez que formos transferidos ou substituídos em uma função, oremos: “Graças, Senhor, por haveres partilhado comigo este dom durante o tempo em que trabalhei aqui. Agora que me pedes de volta, agradecido, eu o entrego a Ti. Ajuda-me para que em todas as minhas decisões eu procure honrar tão somente a Ti.” ▀

*“Eu lhes digo que entre os que nasceram de mulher não há ninguém maior do que João”*



#### Editor:

Zinaldo A. Santos

#### Editor Associado:

Márcio Nastrini

#### Assistente de Editoria:

Lenice F. Santos

#### Chefe de Arte:

Marcelo de Souza

#### Projeto Gráfico:

Marcos Santos

#### Fotos da Capa:

Fotolia

#### Colaboradores Especiais:

Carlos Hein; Jerry Page; Derek Morris

#### Colaboradores:

Antônio Moreira; Augusto M. Cárdenas;  
Bolívar Alaña; Carlos Sanchez; Daniel  
Marin; Edilson Valiante; Geovane Souza;  
Horácio Cayrus; Jair Garcia Góis; Jeú  
Caetano; Leonino Santiago; Luiz Martinez;  
Moisés M. Silva; Nelson Suci; Salomón  
Arana; Samuel Jara.

#### Diretor Geral:

José Carlos de Lima

#### Diretor Financeiro:

Edson Erthal de Medeiros

#### Redator-Chefe:

Rubens S. Lessa

#### SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45

Domingo, das 8h30 às 14h

Site: [www.cpb.com.br](http://www.cpb.com.br)

E-mail: [sac@cpb.com.br](mailto:sac@cpb.com.br)

Ministério na Internet:

[www.dsa.org.br/revistaministerio](http://www.dsa.org.br/revistaministerio)

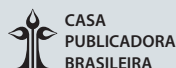
[www.dsa.org.br/revistaeministerio](http://www.dsa.org.br/revistaeministerio)

Redação: [ministerio@cpb.com.br](mailto:ministerio@cpb.com.br)

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:  
Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Assinatura: R\$ 52,10

Exemplar Avulso: R\$ 10,80



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia  
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34  
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.  
Proibida a reprodução total  
ou parcial, por qualquer  
meio, sem prévia autorização escrita do  
autor e da Editora.



Foto: Daniel Oliveira

# Sem Ele, nada feito

Faz muitos anos, li um artigo cujo título era: “Se eu tivesse apenas um sermão para pregar”. Nele, inicialmente, o autor descreveu temas que não abordaria nessa suposta única oportunidade: profecias, doutrinas, soteriologia, entre outros. Não que esses temas não sejam importantes, aliás, ele mesmo enumerou benefícios de cada um deles, mas não preencheriam a medida de “verdade presente” para satisfazer o que ele julgava ser a maior necessidade da igreja. Então, depois de alertar contra a falácia de dependermos de métodos e recursos puramente humanos em nossa corrida para cumprir a missão, o articulista apresentou seu tema urgente: O Espírito Santo e o poder que Ele disponibiliza a todos nós, a fim de que sejamos capacitados para pregar o “evangelho eterno” a “cada nação, tribo, língua e povo”.

De fato, “o que precisamos é o batismo do Espírito Santo. Sem isto, não estamos mais habilitados a sair ao mundo, do que estavam os discípulos depois da crucifixão do Senhor. Jesus conhecia a carência deles e lhes disse que permanecessem em Jerusalém até que fossem dotados de poder do alto” (Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 411). Eles esperaram e se prepararam, em humildade e firme confiança, até que, em cumprimento da promessa do Mestre, foram cheios do poder do Espírito Santo. Somente assim puderam cumprir a missão, apesar da oposição e das perseguições. Para alguns, nem a vida foi considerada tão preciosa que não pudesse ser deposta no altar do sacrifício. A igreja, anteriormente débil e hesitante, se tornou invencível.

Nós somos a continuação daquela comunidade cristã, recebemos a mesma missão por cujo desfecho somos responsáveis. A promessa feita no início dela é a mesma para a sua conclusão: “Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês...” (At 1:8). Em nossos projetos e estratégias de missão, precisamos dar prioridade máxima ao Espírito Santo. Sem Ele, nada significam nossos métodos e recursos. Ele é absolutamente indispensável, pois “onde quer que a necessidade do Espírito Santo seja um assunto de que pouco se pense, ali se verá sequeidão espiritual, escuridão espiritual e espirituais declínio e morte. Quando quer que assuntos de menor importância ocupem a atenção, o divino poder, necessário para o crescimento e prosperidade da igreja, e que haveria de trazer após si todas as demais bênçãos, está faltando, ainda que oferecido em infinita plenitude” (Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 50).

Quando li aquele artigo, tudo o que eu sabia existir contra o Espírito Santo era proveniente de grupos não adventistas. Mas hoje, a premência da necessidade que temos dEle é acrescida do desafio de responder a questionamentos domésticos a Seu respeito. Portanto, conhecê-Lo melhor é fundamental. Isso explica esta edição especial de *Ministério*. ▀

Zinaldo A. Santos

8 ESPÍRITO DE AMOR E LIBERDADE

9 OPINIÃO DIVINAMENTE INSPIRADA

13 O OUTRO PARACLETO

17 O ESPÍRITO SANTO AQUI E AGORA

21 DA CRIAÇÃO À GLÓRIA

25 O INFALÍVEL INTÉRPRETE DA BÍBLIA

28 INVISÍVEL, MAS PERCEPTÍVEL



Foto: William de Moraes

32 PARA PENSAR

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO  
A CORAÇÃO

*“Jesus é indispensável e inesgotável. Torná-Lo o centro e a razão de tudo, e assim mantê-Lo em nossa vida, produzirá plena satisfação para toda necessidade pessoal e corporativa entre nós.”*

*Lee Venden*



# Paixão pelo reavivamento



Foto: Cortesia do entrevistado

*“O tempo investido a sós com Deus deve estar no topo das prioridades. Necessitamos estar com Ele, diariamente, a fim de ajudar outros a encontrá-Lo também diariamente”*

Por Derek Morris

**D**urante mais de 30 anos, o pastor e escritor Lee Venden pastoreou igrejas, trabalhou como professor e apresentador de programas evangelísticos no rádio e na televisão. Atualmente, ele e a esposa, Marji, professora por mais de doze anos, trabalham na Associação Alto Colúmbia, Estados Unidos. Ali o casal, que tem dois filhos, presta assistência aos pastores na realização de seminários destinados a orientar a irmandade no aprofundamento da comunhão com Cristo e na busca de reavivamento e reforma.

Nesta entrevista, o pastor Lee fala de sua nova atividade e a maneira pela qual ela pode ajudar os pastores a conduzir membros e igrejas na descoberta da diferença entre saber a respeito de Jesus e conhecê-Lo por experiência.

**Ministério:** *Quais foram os acontecimentos e convicções que o motivaram à mudança radical em suas atividades?*

**Venden:** Aproximadamente quinze anos atrás, comecei a sentir uma paixão pelo reavivamento entre o povo de Deus. Essa paixão cresceu. Li a Bíblia buscando o que poderia facilitar esse reavivamento e também li sobre grandes reavivamentos no passado. Depois de alguns anos, um administrador da igreja propôs que eu me dedicasse integralmente à promoção do reavivamento. Fiquei surpreso. Poucas semanas antes, eu tinha perguntado a Deus como poderia tornar realidade essa paixão. O administrador continuou dizendo que também havia se sentido impressionado por Deus a priorizar o reavivamento. Então, aceitei a tarefa.

**Ministério:** *O que estimulou essa paixão?*

**Venden:** Pesquisas feitas por mim indicam que menos de 25% dos membros da igreja passam algum tempo diariamente em comunhão com Deus, com oração e estudo de Sua Palavra. Isso é muito sério, quando consideramos que, de acordo com 1 João 5:11-13, nosso crescimento espiritual está na dependência do relacionamento com Cristo.

**Ministério:** *Existe algum problema específico que pode ter contribuído para essa condição?*

**Venden:** Parece-me que algumas pessoas se unem à igreja porque reconhecem o fundamento bíblico para nossas doutrinas, ou por influência familiar. Ou seja, não conseguem ver

Jesus como o centro de cada doutrina. Preocupa-me o fato de que muitas pessoas buscam as Escrituras, pensando ter nelas a vida eterna, mas não percebem que essas Escrituras testificam de Cristo. Muitos se unem à igreja, mas não se unem a Jesus, para que tenham vida. Então, à semelhança da semente lançada no solo rochoso, eles murcham tão rapidamente como brotaram.

**Ministério:** *Ao visitar igrejas pelo mundo, o que o senhor aprendeu sobre a necessidade de reavivamento?*

**Venden:** Tenho percebido que, em qualquer lugar, muitos irmãos estão famintos por Jesus e desejam conhecê-Lo, para desenvolver com Ele uma amizade tangível e transformadora de vida. Entre aqueles com quem temos contato, a maioria está sedenta de instrução clara e prática sobre a maneira de desenvolver um relacionamento com Jesus. É a falta dessa compreensão que gera apostasia. Nos últimos três anos e meio, temos viajado a muitos países e visitado muitas igrejas. Em cada uma delas, concluímos nossos seminários com uma pesquisa curta e anônima, cujos resultados são surpreendentes. A primeira pergunta da pesquisa é a seguinte: “Qual é a melhor descrição de sua vida espiritual, antes de você assistir às reuniões de reavivamento: 1) Vegetava entre Deus e a igreja; 2) frequentava a igreja, mas faltava o relacionamento diário significativo com Cristo; 3) Mantinha vibrante relacionamento com Jesus e testemunhava?” Entre 70% e 80% dos participantes do seminário assinaram a segunda alternativa. Porém, quando solicitados a descrever sua condição depois do seminário, aproximadamente 95% relataram estar começando a experimentar o vibrante relacionamento com Jesus, e intensa disposição para testemunhar. Há uma coisa em que tenho pensado muito: Pressupomos que as pessoas mantenham um relacionamento di-

ário com Deus, mas isso não é real. A maioria delas admite que não anda diariamente com Cristo, e nós devemos fazer mais do que lhes falar que precisam fazer isso. Precisamos estar seguros de que elas sabem usar os recursos para experimentar esse relacionamento.

*“Membros reavivados espontaneamente se tornam evangelistas voluntários e contribuem para o crescimento do Reino”*

**Ministério:** *De que maneira o senhor tem desenvolvido os seminários?*

**Venden:** Realizamos treze programas em nove dias. Começamos na sexta-feira à noite. Aos sábados, nos reunimos três vezes e, durante a semana, somente à noite. Ao longo da programação, fazemos a seguinte abordagem: 1) Amizade com Deus. Ele deseja se relacionar significativamente conosco. Na verdade, Ele está mais interessado em nós do que nós estamos interessados nEle. 2) Conhecimento pessoal de Cristo. Cristianismo não é algo apenas a respeito do que fazemos, mas, principalmente, de Quem conhecemos, pois Quem conhecemos é a causa do que fazemos. 3) Novo nascimento. Todos nós precisamos ser nascidos do Espírito. É trabalho dEle operar nossa conversão, mas se priorizarmos Cristo, o Espírito Santo produzirá mais rapidamente esse novo nascimento. 4) Certeza da salvação. Muitos entre nós não têm certeza da salvação. Nossa segurança está fundamentada em relacionamento, não em comportamento. Jesus promete nos salvar e purificar, se permanecermos unidos a Ele. 5) Nutrição espiritual diária. Em Sua Palavra, Cristo é o Pão da vida. Manter a vida devocional significa nos ali-

mentarmos diariamente desse Pão. 6) Oração. Esse é o principal instrumento de comunhão com Deus e se torna um caminho de duas vias, caso estejamos em quietude para ouvir. 7) Testemunho. Deus nos dá o privilégio de servir e falar a outras pessoas a respeito dEle. Isso contribui para nosso bem-estar e felicidade. 8) Como permanecer firmes. Superação e vitória são dádivas que o Espírito concede àqueles que, pela contemplação de Cristo, são transformados à semelhança dEle. 9) Na batalha cristã, o inimigo empregará todos os meios possíveis para nos induzir ao pecado, inclusive, tentando evitar que busquemos diariamente a Cristo. Mas Deus nos providenciou armas especialmente úteis nessa guerra. 10) Crescimento espiritual. Nosso Consolador e Amigo, o Espírito Santo, está profundamente comprometido com nosso crescimento espiritual e nossa utilidade. Podemos tê-Lo diariamente conosco. 11) Sugestões. Nesse ponto, damos oportunidade para sugestões que os participantes queiram fazer no sentido de manter e aumentar a chama do reavivamento, individualmente e na igreja como um todo. 12) Nossa identidade. É bom lembrarmos a razão pela qual somos adventistas. O que somos e o que desejamos ser até que finalmente chegemos ao lar? 13) Jesus Cristo, sempre. Jesus é indispensável e inesgotável. Torná-Lo o centro e a razão de tudo, e assim mantê-Lo em nossa vida, produzirá plena satisfação para toda necessidade pessoal e corporativa entre nós.

**Ministério:** *De que maneira o apelo é feito?*

**Venden:** Estimulamos os participantes a lançar mão dos recursos apresentados e usá-los para desenvolver um relacionamento diário com Deus. O foco do seminário é encorajar as pessoas a investir tempo, cada manhã, no estudo da Bíblia e oração. E então, partilhar a Palavra com outras



pessoas. Sem essas três colunas da construção do relacionamento com Deus, nossa experiência espiritual definhará e, eventualmente, ficará estagnada. A primeira coluna do relacionamento é o estudo da Bíblia, com o propósito de conhecer Deus. Não se trata de obter mera informação, mas experimentar comunhão. Não estudamos para tentar provar alguma coisa, mas para nos familiarizarmos com uma Pessoa. A segunda coluna é oração, com objetivo de comungar com Deus, em vez de simplesmente apresentar pedidos a Ele. A terceira coluna é partilhar com outros o que descobrimos e experimentamos através das duas primeiras colunas. Incentivamos os participantes a convidar Deus para que abra os olhos deles para as oportunidades que nos permitam fazer diferença na vida de outras pessoas.

**Ministério:** Qual é sua avaliação sobre o ministério de reavivamento como complemento da missão evangelizadora da igreja?

**Venden:** Partindo da premissa de que ovelhas sadias reproduzirão para a glória de Deus, a nomeação de alguém, na igreja local, que ajude o pastor na coordenação do programa de reavivamento, muito contribuirá para o crescimento saudável das ovelhas. Membros reavivados, que estão experimentando um relacionamento pessoal com Jesus, espontaneamente se tornam evangelistas voluntários e contribuem para o crescimento exponencial do Reino.

**Ministério:** Qual é sua avaliação sobre a receptividade da igreja a esses seminários?

**Venden:** Tendo como base o número de pessoas que normalmente vão à igreja sábado pela manhã, penso que entre 70% e 80% participam do seminário. A cada reunião, a assistência cresce. Isso parece indicar genuíno interesse da parte dos membros da igreja, em aprender

a desenvolver um relacionamento mais significativo com Deus.

**“O líder que prioriza o reavivamento é especialista em ajudar a encontrar o perdido”**

**Ministério:** O senhor acha que cada Associação deveria ter alguém oficialmente nomeado para fazer o trabalho que o senhor faz?

**Venden:** A busca por reavivamento é tarefa de todos: líderes e membros da igreja. Todos nós, individualmente, devemos buscar reavivamento e reforma. Porém, como líderes, temos a responsabilidade de conduzir a igreja para essa experiência. Então, à semelhança do que acontece, por exemplo, com o evangelismo e o testemunho pessoal, pode ser válida a indicação de alguém para ministrar orientações e incentivo a respeito do assunto. Acredito que, assim como os pastores apreciam o apoio prestado pelos evangelistas, também darão boas-vindas a alguém que os ajude a despertar, orientar e conduzir a igreja para o reavivamento. Em Lucas 15, Jesus descreveu as parábolas da ovelha perdida que não sabia o caminho de volta, da moeda perdida que nem sabia que estava perdida, e do filho pródigo que escolheu se perder e ficou maravilhado ao ser recebido de volta. O líder que prioriza o reavivamento é especialista em ajudar a encontrar o perdido, especialmente as moedas que estão perdidas dentro da igreja.

**Ministério:** Qual é a participação de sua esposa nesse trabalho?

**Venden:** Na verdade, eu não poderia fazer isso se ela não estivesse comigo. Embora não seja assalariada, Marji trabalha tanto quanto eu. Sendo professora, ela deixou a sala de aula para ficar comigo nesse ministério. Seu apoio mais visível é o trabalho

que ela realiza com as crianças, em nossas apresentações. Marji acredita no que Ellen G. White escreveu: “É ainda verdade que as crianças são as pessoas mais susceptíveis aos ensinamentos do evangelho; seu coração se acha aberto às influências divinas e forte para reter as lições recebidas. Os pequeninos podem ser cristãos, tendo uma experiência em harmonia com sua idade” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 515). Ela simplesmente ama ajudar as crianças na compreensão de que elas também podem ter um relacionamento diário com Jesus.

**Ministério:** Caso desejem, os pastores podem adquirir o material do seminário?

**Venden:** Sim. Ele está disponível no site [www.allaboutJesusseminars.org](http://www.allaboutJesusseminars.org). Ali também encontrarão esboços de sermões, palestras em PowerPoint e guias de estudos para crianças e adultos. Também temos apresentações disponíveis em DVD.

**Ministério:** Da experiência adquirida nesse trabalho, o que o senhor diria aos pastores?

**Venden:** Tenho três lições. Primeira: não é suficiente pregar a respeito de Jesus. Cada sermão deve apresentar a singularidade e a fascinação de Jesus. Segunda: Jesus é o Pão da vida e, antes de distribuí-Lo, precisamos ter estado à mesa e nos alimentado dEle. Satanás trabalha intensamente para manter os pastores longe da comunhão íntima, diária, com Deus. O tempo investido a sós com Deus deve estar no topo das prioridades. Necessitamos estar com Ele, diariamente, a fim de ajudar outros a encontrá-Lo também diariamente. Terceira: ao partilharmos o Pão “quente” da vida, as pessoas desejarão ter a “receita”. Então, cada mensagem deve incluir lembretes sobre quanto é inegociável o dever de investir tempo com Jesus, bem como incentivar para que todos estejam à mesa da comunhão com Ele. ■



# Espírito de amor e liberdade

*Presente no batismo de Cristo, a Terceira Pessoa da Divindade trabalha para libertar cativos do pecado*

Qual é a razão pela qual o Espírito Santo aparece representado por uma pomba, no relato do batismo de Jesus, conforme descrito nos evangelhos (Mateus 3; Marcos 1; Lucas 3; João 5)?

Exegetas do Novo Testamento admitem que a origem desse simbolismo provavelmente tenha sido o texto de Gênesis 1:2. Ao descrever a atividade do Espírito de Deus no momento da criação do mundo, o autor de Gênesis utilizou o verbo hebraico *rahap* (pairar, voejar). Esse é um verbo raro no Antigo Testamento. Além do texto de Gênesis, *rahap* também foi utilizado em Deuteronômio 32:11, onde o autor ilustra o cuidado de Deus com Seu povo no deserto, comparando-o ao de uma águia que paira (*rahap*) sobre o ninho, transmitindo dessa forma a ideia de proteção.

Em todos os textos disponíveis em ugarítico, idioma semítico ocidental com muitas semelhanças com o hebraico bíblico, *rahap* está sempre relacionado com pássaros, mais especificamente, águias. A importância disso é que tal verbo descreve a atitude de um ser vivo, não uma força ou energia.<sup>1</sup> Negar a personalidade do Espírito Santo é o mesmo que ignorar a evidência linguística que esse texto oferece.

Observando *rahap* em outras línguas antigas, podemos apreciar me-

lhor a beleza dessa passagem bíblica. Por exemplo, em siríaco, *rahap* significa geração. No árabe antigo, a ideia é de um pássaro suspenso, com asas abertas, demonstrando proteção e cuidado para com o respectivo ninho.<sup>2</sup> Curiosamente, no talmude babilônico (*B. Hahigah* 15a), existe uma passagem que afirma o seguinte: “O Espírito de Deus estava chocando sobre a face das águas como uma pomba choca seus filhotes, embora não os toque.” De fato, há muito sentido na afirmação de que a imagem da pomba no batismo de Jesus teve origem no evento da criação.

Sendo assim, as testemunhas desse evento, que estavam familiarizadas com o relato de Gênesis 1:2 e com a literatura judaica da época, entenderam que o Messias estava iniciando uma nova criação. Em outras palavras, quando Jesus foi batizado, teve início uma nova era, e Deus, através do Espírito Santo, começou um processo de restauração espiritual de Seu grande trabalho na criação.<sup>3</sup>

Para o teólogo Ángel Manuel Rodríguez, jubilado ex-diretor do Instituto de Pesquisa Bíblica da Igreja Adventista, a imagem da pomba também deve ser vista como símbolo de amor e libertação. No caso do amor, tal simbolismo é notado no livro de Cantares (2:14; 4:1; 5:2) bem como em Mateus 10:16. Quanto à ideia de libertação, Rodríguez cita os seguin-

tes textos: Salmo 55:6; Isaías 60:8; Oseias 11:11 e Gênesis 8:10-12. No caso desse último texto, a pomba foi um sinal de paz, anunciando que o Dilúvio havia terminado.<sup>4</sup>

Tão importantes como são essas informações para nosso conhecimento, também é importante o significado delas para o cristão no século 21. Em nossas igrejas, muitas pessoas estão lutando contra a escravidão do pecado. Algumas estão experimentando a destruição que ele provoca, quer seja de forma secreta ou pública, inconsciente ou deliberadamente. Para essas pessoas, a grande solução é a presença do Espírito Santo de Deus, o mesmo Ser divino que esteve presente na criação do mundo, no batismo de Jesus Cristo, e deseja estar com todos os que buscam o amor e a libertação que somente podem ser alcançados por meio de um relacionamento com a maravilhosa pessoa de Cristo. O Espírito Santo nos desperta, motiva e conduz para essa experiência. Não podemos descartá-Lo, sequer minimizá-Lo em nossa vida e pregação, e ainda pretender desfrutar êxito no ministério pastoral. ▮

#### Referências:

<sup>1</sup> H. Neil Richardson, “An Ugaritic Letter of a King to His Mother”, *JBL.*, nº 66 (1947), p. 322.

<sup>2</sup> Sabatino Moscati, *Ibid.*, p. 307.

<sup>3</sup> Dale C. Allis, Jr., *Biblical Archaeology Review*, nº 2 (1992), v. 18, p. 59.

<sup>4</sup> Artigo disponível no site: <http://biblicalresearch.gc.adventist.org/biblequestions/whyadove.htm>





Professor de Teologia e diretor do Centro White na Universidade Andrews, Estados Unidos

# Opinião divinamente inspirada

Como Ellen G. White compreendia a personalidade do Espírito Santo

Nenhum ensinamento cristão é mais fundamental que a doutrina de Deus. A compreensão bíblica adventista do sétimo dia acerca da Trindade nos ajuda a compreender a natureza revelada, os atributos e caráter de Deus. Nos últimos 15 anos, muito tem sido escrito sobre a história da compreensão adventista do sétimo dia a respeito da Divindade e, particularmente, sobre a posição de Jesus na Divindade.

Foto: William de Moraes

Birmingham Meeting Cal June 28, 1854  
Dear Bro  
I feel urged by the Spirit of the Lord  
before the above bearing of your case has been spread  
Thump in regard to the Spirit which is in Heaven and some  
I have not felt thus the time to send for the matter  
in regard to yourself. And the matter will  
fully come,



Menos tem sido escrito sobre a história de Ellen G. White e a compreensão adventista do Espírito Santo na Divindade.

Diante dos antecedentes da teologia e experiência dos pioneiros adventistas do sétimo dia, este artigo explorará a compreensão de Ellen G. White sobre o Espírito Santo. Primeiramente será apresentado um resumo da visão adventista sobre a personalidade do Espírito Santo até o início do século 20. Cuidadoso estudo da Bíblia e claras afirmações de Ellen G. White influenciaram grandemente a compreensão adventista. Considerando os questionamentos atuais, também será dada alguma atenção ao estabelecimento da veracidade das mais claras afirmações de Ellen White sobre a natureza do Espírito Santo na Divindade.

### Visão adventista até o início do século 20

A compreensão sabatista e adventista do sétimo dia sobre o Espírito Santo, até os anos 1890, foi largamente focalizada mais sobre a “realidade viva” ou tangível do Espírito Santo como uma manifestação divina do que Sua natureza ou personalidade.<sup>1</sup> Durante o período até os anos 1890, muitos adventistas não aceitavam que o Espírito Santo tivesse personalidade distinta. Para eles, a Divindade incluía o Pai (onipresente e onisciente), o pré-encarnado primogênito Filho divino, e o Espírito Santo como manifestação da presença ou poder do Pai ou do Filho. Os adventistas enfatizavam as personalidades distintas e separadas do Pai e do Filho. Para muitos pioneiros adventistas, uma personalidade requeria um formato material, que impedia a onipresença. Por definição, o Espírito Santo como influência ou poder do Pai ou do Filho, era permitido por Deus ser onipresente.<sup>2</sup>

Em 1877, J. H. Waggoner escreveu sobre o Espírito Santo como um “Isto” em vez de “Ele”. Depois, referindo-se a “uma questão que tem sido muito controvertida”, ou seja,

“a personalidade do Espírito Santo”, ele descreveu o “Espírito de Deus” como “esse tremendo e misterioso poder que procede do trono do Universo”.<sup>3</sup> Em 1878, Uriah Smith respondeu à pergunta: “O que é o Espírito Santo?”, escrevendo o seguinte: “Em uma palavra, isso pode talvez ser descrito como uma misteriosa influência emanando do Pai e do Filho, Seu representante e agente de Seu poder.”<sup>4</sup>

*“O Espírito Santo é o Consolador em nome de Cristo. Ele personifica Cristo, todavia é uma personalidade distinta”*

Esses dois homens se mantiveram respeitosos quanto à misteriosa natureza do Espírito Santo. Em 1878, D. N. Canright, em um artigo de duas páginas, mais argumentativo e apologetico, explicitamente rejeitou a personalidade do Espírito Santo: “O Espírito Santo não é uma pessoa, não é um indivíduo, mas uma influência ou poder procedente da Divindade.”<sup>5</sup>

Em 1889, M. C. Wilcox, um dos editores de *Signs of the Times*, escreveu: “O poder de Deus, separado de Sua presença pessoal, é manifestado através de Seu Espírito.”<sup>6</sup> Descrevendo a ideia de como Deus pode ser onipresente, Wilcox escreveu em 1898: “Deus é uma Pessoa; como pode Sua vida estar presente em todo lugar?”, então comparou o Espírito a uma “aura” que se estende além de uma pessoa.<sup>7</sup> Alguns outros adventistas do sétimo dia com visão própria e diferente especulavam que talvez o Espírito Santo fosse um anjo ou da mesma espécie que a dos anjos.<sup>8</sup>

Os anos 1890 testemunharam o início de uma mudança para a aceitação da personalidade do Espírito Santo. Um exemplo dessa mudança pode ser visto na compreensão de R. A. Underwood: “O Espírito Santo é o representante pessoal de Cristo no campo de batalha; Ele está encarre-

gado de enfrentar Satanás e derrotar esse inimigo pessoal de Deus e de Seu governo. Parece estranho para mim, agora, que eu já tenha acreditado que o Espírito Santo fosse apenas uma influência, em vista do trabalho que Ele faz.”<sup>9</sup>

A mudança de pensamento sobre a personalidade do Espírito Santo foi bem encaminhada quando, em 1907, A. T. Jones escreveu: “O Espírito Santo não é uma influência; nem uma impressão, nem paz, nem alegria, nem qualquer coisa... O Espírito Santo é uma Pessoa, eternamente uma Pessoa divina.”<sup>10</sup>

### Ellen G. White e o Espírito Santo até os anos 1890

Os escritos de Ellen G. White são particularmente ricos em relação ao Espírito Santo. Quase tão frequentemente como se referiu a Jesus, ela se referiu a Ele, tanto em seus escritos já publicados como naqueles que ainda não o foram.

Ellen G. White adotou três importantes orientações relacionadas ao Espírito Santo e a Divindade, desde os primeiros escritos e durante toda a sua vida. Em primeiro lugar, ela enfatizou a personalidade de Deus o Pai e Jesus. Durante os anos 1845 e 1846, houve um ramo dos adventistas milenaristas que argumentava que Jesus tinha vindo espiritualmente em 22 de outubro de 1844. Esse grupo também espiritualizava a ressurreição, o Céu, a Nova Jerusalém, a Nova Terra e também o Pai e Jesus. Em 1846, Ellen G. White escreveu em afirmação da personalidade do Pai e Jesus: “Vi um trono, e nele estavam sentados o Pai e Seu Filho Jesus Cristo. Olhei fixamente o semblante de Jesus e admirei Sua adorável pessoa... Perguntei a Jesus se Seu Pai tinha forma semelhante à dEle; Ele disse que sim, mas eu não podia contemplá-Lo.”<sup>11</sup>

Outros cofundadores da Igreja Adventista do Sétimo Dia, como Tiago White e José Bates, também se opuseram diretamente à visão espiritualizada e, através da imprensa, apoiaram a personalidade do Pai e Jesus.<sup>12</sup>



Em segundo lugar, à semelhança dos adventistas em geral, Ellen G. White compreendia o Espírito Santo num sentido prático e demonstrável. A obra do Espírito Santo estava bem presente e ativa em sua experiência cristã e seu ministério. Ela recebeu centenas de visões e sonhos proféticos e frequentemente experimentou extraordinárias bênçãos através da operação do Espírito Santo. Durante os primeiros poucos anos de seu ministério profético, Ellen G. White foi confrontada por alguns que criam que suas visões eram resultado de mesmerismo – hoje conhecido como hipnotismo – e diziam que não havia Espírito Santo. Isso lhe causou “terrível angústia, quase ao ponto do desespero”.

Ela escreveu: “Muitos queriam fazer-me crer que não havia Espírito Santo e que tudo quanto os homens santos de Deus haviam experimentado não era senão mesmerismo ou enganos de Satanás.”<sup>13</sup>

Finalmente, sua compreensão sobre o Espírito Santo foi extraída da Bíblia e centralizada na Bíblia. À semelhança de outros pioneiros adventistas, antes de tudo ela era estudante das Escrituras, e era particularmente cuidadosa a fim de não se desviar para além da Bíblia em suas descrições do Espírito Santo.

Em 1891, Ellen G. White escreveu em resposta a um homem que acreditava que o Espírito Santo fosse realmente o anjo Gabriel e que os 144 mil serão judeus que reconhecem Jesus como Messias. Depois de dar importantes princípios de interpretação bíblica, ela abordou o assunto: “Suas ideias sobre os dois assuntos mencionados não se harmonizam com a luz que me foi dada por Deus. A natureza do Espírito Santo é um mistério não claramente revelado, e você jamais será capaz de explicá-lo a outros, porque o Senhor não o revelou a você.” Citando João 14:16, ela continuou: “Isso se refere à onipresença do Espírito de Cristo, chamado Consolador.” Então confessou os limites de sua própria compreensão: “Há muitos mistérios que não pro-

cuo compreender nem explicar; eles são muito elevados para mim e para você. Sobre alguns desses pontos, o silêncio é ouro.”<sup>14</sup>

Na ausência de especial discernimento sobre a natureza e a personalidade do Espírito Santo, ela permaneceu firme com a Escritura e, diferente dos outros escritores adventistas anteriormente citados, deixou indefinida a personalidade do Espírito Santo.<sup>15</sup> Isso logo mudaria.

### A partir do início de 1890

Dois anos depois, em 1893, ela escreveu: “Geralmente, muito pouco tem sido feito da obra de influência do Espírito Santo sobre a igreja... O Espírito Santo é o Consolador em nome de Cristo. Ele personifica Cristo, todavia é uma personalidade distinta.”<sup>16</sup>

Em 1896, ela citou as palavras de Jesus em João 16:7, 8, e escreveu sua mais clara afirmação sobre o Espírito Santo como Pessoa da Divindade: “O poder do mal se estivera fortalecendo por séculos, e alarmante era a submissão dos homens a esse cativo satânico. Ao pecado só se poderia resistir e vencer por meio da poderosa operação da terceira Pessoa da Trindade, a qual viria, não com energia modificada, mas na plenitude do divino poder.”<sup>17</sup> Não há indicação de alguma visão especial que ela tenha recebido e que a tenha levado a escrever mais explicitamente sobre o Espírito Santo. Contudo, como mensageira do Senhor, ela se tornou muito específica sobre esse tema durante os anos 1890. Durante o restante de sua vida, ela continuou a apoiar a personalidade e plena deidade do Espírito Santo.<sup>18</sup>

Por exemplo, Ellen G. White frequentemente se referiu a João 14-16 e ao Consolador levando a presença de Jesus ao crente. Ela continuou esse tema enquanto continuou apresentando o Espírito Santo como a terceira Pessoa da Divindade. Escreveu ela: “Embora nosso Senhor tenha ascendido da Terra ao Céu, o Espírito Santo foi designado como

Seu representante entre os homens.” Citando João 14:15-18, continuou: “Impedido pela humanidade, Cristo não podia estar pessoalmente em todo lugar; portanto, era para total benefício deles que deveria deixá-los, ir para o Pai e enviar o Espírito Santo para Seu sucessor na Terra.”

Ellen G. White se sentia completamente à vontade com a tensão que existe entre o Espírito Santo ser uma Pessoa e também representante de Jesus. Uma característica da Trindade bíblica é o fato de cada Pessoa Se representar ou apontar mutuamente (Mt 3:17; 17:5; Mc 1:11; 9:7; Lc 3:22; 9:35).

*“Ao pecado só se poderia vencer por meio da poderosa operação da terceira Pessoa da Trindade”*

### “Isto” e “Ele”

Em 1936, H. C. Lacey alegou que sua série de estudos bíblicos matinais apresentados, em 1895, na reunião campal de Armidale, e a apresentação deles, em 1896, em um congresso em Cooranbong, Austrália, influenciou Ellen G. White a aceitar a personalidade do Espírito Santo. Lacey especulou que ela não havia usado o termo “Pessoa” nem se referido ao Espírito Santo com o pronome pessoal “Ele” antes da apresentação dos estudos dele.<sup>20</sup>

Um exame das afirmações de Ellen G. White mostra que ela usou a palavra “Pessoa” para se referir ao Espírito Santo já em 1893. Mas ela usou variavelmente os pronomes “Isto” e “Ele” antes e depois de sua explícita declaração sobre a personalidade do Espírito Santo. Em 1884, ela escreveu: “O Espírito Santo exalta e glorifica o Salvador. É seu trabalho apresentar Cristo.”<sup>21</sup> Em 1891, ela escreveu sobre “o Espírito Santo trabalhando em nosso coração”. E continuou: “[Ele] toma as coisas de Deus e as apresenta de nova maneira

à nossa mente”.<sup>22</sup> Em uma declaração feita em 1898, ela articulou claramente a personalidade do Espírito Santo: “Quando o Espírito de Deus toma posse do coração, transforma a vida.”<sup>23</sup> Em 1900, ela escreveu: “Em verdade, o Espírito Santo saiu a todo o mundo; opera no coração dos homens em toda parte.”<sup>24</sup>

O livro *O Desejado de Todas as Nações* não apenas ajuda a explicar a personalidade do Espírito Santo, mas também ensina claramente a eternidade de Jesus e Sua plena igualdade com o Pai. A declaração: “Em Cristo há vida original, não emprestada, não derivada”,<sup>25</sup> ao lado de outras afirmações sobre a divindade de Jesus, ajudou muitos adventistas a dar um novo olhar nas Escrituras, para compreender o lugar de Jesus na Divindade.

### Veracidade das declarações

Alguns creem na autoridade profética dos escritos de Ellen G. White, mas negam a personalidade do Espírito Santo bem como Seu lugar na Divindade. Esses escritos, porém, colocam essas pessoas em uma situação difícil. Em resposta, elas costumam argumentar que as secretárias ou os editores de Ellen G. White inseriram as afirmações sem o conhecimento dela. Tim Poirier, vice-diretor do White Estate, publicou uma esclarecedora monografia em 2006 na qual rastreou essas declarações de acordo com a fonte original.

Rascunhos originais de pelo menos quatro declarações, manuscritos por Ellen G. White, estão disponíveis.<sup>26</sup> Outros documentos estão acessíveis na forma impressa original e contêm anotações manuscritas nas páginas.<sup>27</sup> No topo de um desses documentos, está a seguinte anotação: “Tenho lido cuidadosamente sobre isso, e o tenho aceitado.”<sup>28</sup> Algumas dessas afirmações foram publicadas em várias formas. A própria escritora pagou pela publicação das chapas de *O Desejado de Todas as Nações* e de outros livros. Aliás, ela chegou a enviar correções para

*O Desejado de Todas as Nações*, depois que a primeira edição desse livro já havia sido publicada. As mudanças foram então incorporadas na segunda edição. O grau de veracidade de suas afirmações é significativo, e os editores acham difícil argumentar que ela não tenha escrito as declarações que aparecem impressas.

Os adventistas do sétimo dia creem que a Ellen G. White foi concedido o dom profético. Suas enfáticas declarações tiveram significativa influência no desenvolvimento da compreensão adventista da Trindade, particularmente através do apoio à natureza eterna e original de Jesus, bem como a plena divindade e personalidade do Espírito Santo. Contudo, as doutrinas adventistas do sétimo dia são estabelecidas sob a autoridade da Escritura, em vez de Ellen G. White. Ela compreendia que seu papel profético era conduzir um povo à Bíblia como autoridade final e o fundamento de toda fé e prática. No primeiro panfleto publicado, ela escreveu: “Recomendo-lhe, caro leitor, a Palavra de Deus como a regra de sua fé e prática.”<sup>29</sup>

Em muitas ocasiões, ela definiu a relação de seus escritos com a Bíblia. Em uma de suas mais intrigantes declarações, ela definiu seu papel profético: “Eu tenho uma obra de grande responsabilidade para fazer – comunicar por escrito e de viva voz as instruções a mim concedidas, não somente para os adventistas do sétimo dia, mas para o mundo. Publiquei muitos livros, grandes e pequenos, e alguns deles foram traduzidos para várias línguas. Esta é a minha obra: revelar para outras pessoas as Escrituras, assim como Deus a mim as revelou.”<sup>30</sup>

Os adventistas do sétimo dia têm mais orientação bíblica sobre o Espírito Santo, por causa dos escritos de Ellen G. White. Devemos ser agradecidos a Deus pelo fato de que Ele nos guiou através da história da igreja, a fim de construir uma compreensão bíblica, por meio da influência do Espírito Santo no dom de profecia. ▀

### Referências:

- <sup>1</sup> F. Goodrich, *Review and Herald*, 28/01/1862, p. 68; R. F. Cottrell, *Ibid.*, 16/12/1873, p. 5; Joseph Clarke, *Ibid.*, 10/03/1874, p. 103.
- <sup>2</sup> D. M. Canright, *Review and Herald*, 29/08-19/09/1878, p. 73, 81, 82, 89, 90, 97.
- <sup>3</sup> J. H. Waggoner, *The Spirit of God: Its Office and Manifestations in the End of the Christian Age* (Battle Creek, MI: Review and Herald Pub. Ass., 1877), p. 8, 9.
- <sup>4</sup> James White e Uriah Smith, *The Institute Biblical: A Synopsis of Lectures on the Principal Doctrines of Seventh-day Adventists* (Oakland, CA: Pacific Press Pub. House, 1878), p. 184.
- <sup>5</sup> D. M. Canright, *Signs of the Times*, 25/07/1878, p. 218; *Ibid.*, 08/08/1878, p. 236.
- <sup>6</sup> M. C. Wilcox, *Signs of the Times*, 15/07/1889, p. 422.
- <sup>7</sup> \_\_\_\_\_, *Ibid.*, 02/06/1898, p. 342.
- <sup>8</sup> C. P. Bollman, *Signs of the Times*, 04/11/1889, p. 663.
- <sup>9</sup> R. A. Underwood, *Review and Herald*, 17/05/1898, p. 310.
- <sup>10</sup> A. T. Jones, *Medical Missionary*, 27/03/1907, p. 98.
- <sup>11</sup> Ellen Harmon, *Day Star*, 14/-3/1846, p. 7.
- <sup>12</sup> James White, *Review and Herald*, 11/12/1855, p. 85.
- <sup>13</sup> Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, p. 22.
- <sup>14</sup> \_\_\_\_\_, *Carta ao irmão Chapman*, 11/06/1891, in *Manuscript Releases* (Silver Spring, MD: White Estate, 1990), v. 14, p. 175, 179.
- <sup>15</sup> O mesmo é verdadeiro quanto à natureza da divindade de Jesus. Nesse caso ela está entre os primeiros escritores que se referiram a Cristo como eterno. Ver *Review and Herald*, 08/08/1878, p. 49.
- <sup>16</sup> Ellen G. White, *Manuscript Releases* (Silver Spring, MD: White Estate, 1993), v. 20, p. 323, 324.
- <sup>17</sup> \_\_\_\_\_, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 671.
- <sup>18</sup> \_\_\_\_\_, *Carta 124*, 07/03/1897; *Filhas de Deus*, p. 183-185; *Special Testimonies to Ministers and Workers*. N° 10 (1897), p. 37. São algumas das publicações em que ela trata do assunto.
- <sup>19</sup> Ellen G. White, *Carta 119*, 1895 (Silver Spring, MD: White Estate).
- <sup>20</sup> H. C. Lacey a W. C. White, 17/07/1936 (Berrien Springs, MI: Center for Adventist Research, Andrews University).
- <sup>21</sup> Ellen G. White, *Signs of the Times*, 03/04/1884, p. 209.
- <sup>22</sup> \_\_\_\_\_, *Review and Herald*, 25/08/1891, p. 529.
- <sup>23</sup> \_\_\_\_\_, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 173.
- <sup>24</sup> \_\_\_\_\_, *Parábolas de Jesus*, p. 70.
- <sup>25</sup> \_\_\_\_\_, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 530.
- <sup>26</sup> Tim Poirier, *Ellen G. White's Trinitarian Statements*, MS 93, 1893; MS 57, 1900; MS 20, 1906; MS 21, 1906.
- <sup>27</sup> *Carta 8*, 1896; MS 27a, 1900; MS 57, 1900; MS 20, 1906; MS 21, 1906.
- <sup>28</sup> MS 20, 1906.
- <sup>29</sup> Ellen G. White, *A Sketch of the Christian Experience and Views of Ellen G. White* (Saratoga Springs, NY: James White, 1851), p. 64.
- <sup>30</sup> Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 8, p. 236.



Professor de Novo Testamento na Faculdade de Teologia do Unasp, Engenheiro Coelho, SP

# O outro Paracleto

*A missão do Espírito Santo, compreendida a partir do evangelho de João*

No evangelho de João, há um grupo de cinco passagens que se referem ao Espírito Santo como “Paracleto” ou “Espírito de verdade” (Jo 14:16, 17, 25, 26; 15:26, 27; 16:7-11, 13-15). Ao lado dessa terminologia distinta, três fatos tornam também distintas essas passagens: Todas elas ocorrem nos discursos de despedida de Jesus (Jo 14-17), tratam da vinda do Espírito e descrevem funções completamente diferentes daquelas encontradas nas seções narrativas do evangelho (Jo 1-13; 18-21).

Embora naquelas seções o Espírito Santo seja principalmente um poder vivificante através do qual Deus regenera e transforma aqueles que nEle creem (Jo 3:3, 5, 6; 6:63; 7:37, 38), a ideia predominante nos discursos de despedida salienta a figura de um Instrutor, uma Testemunha, um Guia, conceitos que vão muito além da impressão de um poder impessoal. Na verdade, aquelas cinco passagens “provêm a mais forte evidência para a concepção do Espírito como uma figura distinta, um agente independente, protagonista”,<sup>1</sup> e contribuíram para o desenvolvimento da doutrina cristã sobre o Espírito.

## Significado de *parakletos*

Muito se discute sobre o significado da expressão grega *parakletos*. Do ponto de vista linguístico, *parakletos* está relacionada com o verbo *parakaleo*, cujo significado é “chamado para estar ao lado de alguém”. Quando é usada como substantivo, a palavra envolve a ideia de assistência legal. Em latim, o termo equivalente era *advocatus* (advogado), e isso mostra como *parakletos* era compreendido pelos antigos tradutores e escritores cristãos latinos.

Sob a influência do substantivo *paraklesis* (que significa “consolação”, “conforto”), alguns tradutores e autores gregos vieram a compreender *parakletos* como sendo “consolador” ou “conselheiro”, significado com o qual concordaram Wycliffe, Tyndale e Lutero, entre outros. Entretanto, a questão é que nenhum desses é plenamente apropriado ao *parakletos* de João, exceto o texto de 1 João 2:1 no qual o termo se refere a Jesus (embora não como um título) e certamente significa “advogado” (“intercessor”, “mediador”). John Ashton corretamente afirma que “o problema do significado de *parakletos* não pode ser resolvido linguisticamente”,<sup>2</sup> e isso pode explicar a razão pela qual, em

sua versão Vulgata Latina da Bíblia, Jerônimo usou a transliteração *paracletus* em vez de tradução. Em 1 João 2:1, ele traduziu corretamente o termo como *advocatus*.<sup>3</sup>

Vários eruditos creem que o *parakletos* de João está relacionado ao aramaico *praqlita*, que é uma transliteração da palavra grega. *Praqilita* aparece várias vezes na literatura rabínica, como referência a alguém que intercede por outra pessoa. Também era usada no Targum para transmitir o significado do hebraico *melis*, um termo que, tanto no Antigo Testamento (Jó 33:23; cf. 16:20) e nos rolos do Mar Morto (1QH 10.13; 14.13), estava associado às noções de intercessão e instrução.<sup>4</sup> Essas duas noções estão presentes nas passagens joaninas sobre *parakletos* (14:16, 17, 25, 26; 15:26, 27; 16:7-11; 13-15). Portanto, no pensamento judaico, há vários precedentes que combinam funções pedagógicas e forenses de tal maneira que se assemelham ao papel designado ao Paracleto no quarto evangelho. É precisamente esse papel, não tanto a origem linguística ou histórica do termo, que deve receber nossa maior atenção, especialmente se desejamos ter mais clara compreensão da função do Espírito Santo.



## O Espírito como Pessoa

Entre as funções atribuídas ao Espírito, nos textos de João a respeito do Paracleto, estão as seguintes: Ensino (Jo 14:26), lembrar-nos de todas as coisas que Jesus disse quando aqui esteve (v. 26), e guiar em toda a verdade, anunciando as coisas que ainda estão por acontecer (Jo 16:13). De acordo com esse último texto, o Espírito fala e ouve, glorifica (v. 14), testifica (Jo 15:26) e convence a respeito do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16:8). O Espírito também é descrito como “outro Paracleto” (Jo 14:16), que viria ocupar o lugar de Cristo (Jo 16:7), sugerindo assim que não apenas Jesus era um Paracleto para os discípulos, mas também que o Espírito desempenharia um papel semelhante ao de Jesus, com a diferença de que Sua presença deveria ser ainda mais apreciada que a do próprio Jesus (Jo 14:28).

O Espírito também estaria livre das limitações do tempo, uma vez que estaria para sempre com os discípulos (v.16). Em adição a isso, o Espírito viria de Deus (Jo 15:26; 16:7), isto é, seria enviado por Deus (Jo 14:26) assim como João Batista (Jo 1:6; 3:28) e o próprio Jesus foram enviados (Jo 3:34; 6:29, 57; 7:29). À semelhança de Jesus, o Espírito seria também conhecido e recebido (Jo 14:17; cf. 7:39; 1:12; 6:69; 10:14; 13:20).<sup>5</sup>

Tudo isso aponta para uma Figura independente, distinta que, ao mesmo tempo, mostra possuir algumas características divinas, tais como transcendência ao tempo e espaço. Embora seja verdadeiro que em João 14:18 Jesus tenha falado da vinda do Paracleto (cf. v. 16, 17), Ele prometeu que Ele mesmo voltaria para os discípulos, o que tem sido compreendido como significando que o Paracleto é o próprio Cristo glorificado, que voltaria para os discípulos em forma espiritual, invisível.<sup>6</sup> Alguns comentaristas veem essa vinda de Jesus em conexão com a *parousia* (cf. v. 1-3), ou Sua aparição aos discípulos depois de ressurreto, particularmente de acordo com João 20:19-23, quando Ele soprou sobre eles o Espírito.<sup>7</sup>

Entretanto, ao dizer que não deixaria órfãos os discípulos, Jesus muito provavelmente estava Se referindo à vinda do Espírito, pois achamos difícil ver como a distante *parousia* (considerando pelo menos o tempo em que o evangelho foi escrito) ou algumas poucas aparições depois da ressurreição durante o intervalo de apenas 40 dias poderiam resolver o problema da orfandade dos discípulos. Portanto, parece mais natural interpretar a promessa de Jesus em ligação com a vinda do Espírito Santo.<sup>8</sup>

Mesmo assim, Jesus e o Espírito não podem ser considerados a mesma Pessoa, pois Jesus Se referiu ao Espírito como outro Paracleto (Jo 14:16), o que preserva a distinção pessoal entre ambos e, ao mesmo tempo, aponta para a semelhança de papéis. A mesma distinção pessoal está presente em outras passagens nas quais Jesus e o Espírito Santo são mencionados lado a lado (Jo 1:32, 33; 7:39; 14:26; 15:26; 20:22). Na verdade, ao dizer que voltaria para os discípulos na Pessoa do Espírito Santo, Jesus talvez estivesse evocando o mesmo conceito presente em Sua declaração: “Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14:9). Ou seja, assim como o Pai pode ser visto no Filho, o Filho podia vir no Espírito. Não é difícil concluir que a mesma unicidade existente entre o Filho e o Pai (Jo 10:30) também existe entre o Filho e o Espírito. Entretanto, unicidade jamais deve ser confundida com uniformidade. Assim como o Filho é um Pessoa divina distinta do Pai, o Espírito é uma Pessoa divina distinta do Filho.

## O Espírito e a gramática

Assim, no evangelho de João, o Espírito é uma Pessoa, tanto quanto o Pai e o Filho são Pessoas. Desde a Reforma, um dos mais recorrentes argumentos para a personalidade do Espírito é fundamentado na gramática. No idioma grego, a palavra “espírito” (*pneuma*) é neutra, e algumas vezes, nas passagens sobre o Paracleto, essa palavra está acompanhada

pelo pronome masculino, em adição a algum pronome neutro, como seria esperado de acordo com as regras de concordância gramatical.<sup>9</sup> O argumento típico pode ser encontrado no comentário de George Ladd, sobre o uso correto que João faz de pronomes neutros em ligação com *pneuma*. Para ele, não há implicação “contra ou a favor da personalidade do Espírito Santo. Mas onde um pronome que tenha *pneuma* como seu imediato antecedente seja encontrado no masculino, somente podemos concluir que a personalidade do Espírito é o significado sugerido”.<sup>10</sup>

Entretanto, o argumento não está correto. A questão é relativamente simples. O que é afirmado por Ladd é que, onde pronomes masculinos são usados, o substantivo mais próximo é *pneuma*, como antecedente. Porém, o antecedente de um pronome deve ser determinado pela sintaxe, não pela proximidade, e quando são usados pronomes masculinos, o antecedente sintático é sempre *parakletos*, não *pneuma*, que permanece apenas como aposição a *parakletos*. Como Daniel B. Wallace declara: “O uso de *ekeinos* [ele] aqui [Jo 14-16] é frequentemente considerado pelos estudantes do Novo Testamento uma afirmação da personalidade do Espírito. Tal afirmação está fundamentada do fato de que o antecedente de *ekeinos* é *pneuma*... Mas isso está errado. Em todas essas passagens joaninas, *pneuma* é aposicional ao substantivo masculino. Assim, o gênero de *ekeinos* nada tem que ver com o gênero de *pneuma*. O antecedente de *ekeinos*, nesse caso, é *parakletos*, não *pneuma*.”<sup>11</sup>

Por essa razão, algumas vezes João usou pronomes neutros nas mesmas passagens. Ele fez assim sempre que *pneuma* apareceu como antecedente sintático. Isso significa que nada existe, absolutamente, anormal ou significativo no uso que João fez de pronomes nos contextos referentes ao Espírito. Igualmente, o fato de que *parakletos* seja masculino não tem implicações relativas à personalidade do Espírito. O gênero de

*parakletos*, bem como o de *pneuma*, nada mais é que um acidente linguístico; e nenhuma conclusão teológica deveria ser derivada disso.<sup>12</sup>

Outro bem conhecido argumento tenta deduzir do adjetivo grego *allos* (“outro”) não apenas a personalidade, mas também a divindade do Espírito. Esse adjetivo é utilizado em João 14:16. Spiros Zodhiates, por exemplo, diz: “Cristo designou o Espírito Santo como ‘Paracleto’... e O chamou *allos* (outro), o que significa outro de igual qualidade (e não *heteros*, outro de qualidade diferente). Portanto, Jesus Cristo designou o Espírito Santo como igual a Ele mesmo.”<sup>13</sup> Esse argumento é ainda mais errôneo que o anterior, na medida em que confunde atividade, ou quando muito, personalidade com divindade. O argumento parece ter sido empregado primeiramente por Gregório Nazianzeno, um dos principais defensores da doutrina da Trindade no quarto século. Ele costumava dizer que *allos*, em João 14:16, aponta a igualdade e consubstancialidade entre o Espírito e Cristo.

Ao se referir ao Espírito Santo como outro Paracleto, Jesus, indubitavelmente, estava chamando a atenção para o fato de que o Espírito continuaria o trabalho que Ele mesmo havia iniciado, e de que estaria para sempre com os discípulos. O termo também pode conter uma alusão à personalidade do Espírito enquanto Ele viria como substituto de Jesus, mas tomar isso ontologicamente como referência à semelhança de natureza entre Jesus e o Espírito vai além da evidência.

Esse argumento contém um erro linguístico básico: a conclusão de que, por causa do fato de *heteros* usualmente envolver uma distinção qualitativa, *allos* também o faça (At 4:12; Rm 7:23; 1Co 14:21; 2Co 11:4; Hb 7:11, 13, 15; Jd 7 são textos que mencionam *allos*). Entretanto, a noção fundamental de *allos* é meramente quantitativa, a menos que seja usado em oposição a *heteros*, que é a palavra eventualmente empre-

gada para diferenciação qualitativa em qualquer caso. Por exemplo, isso ocorre em Gálatas 1:6, 7, onde Paulo diz que o falso evangelho pregado aos gálatas na ausência dele não era *allos* mas *heteros*.<sup>14</sup> Joseph H. Thayer define a questão: “Quando comparado com *heteros*, *allos* denota distinção numérica de diferença qualitativa; *allos* adiciona (‘um além de’); *heteros* distingue (‘um de dois’); todo *heteros* é um *allos*, mas nem todo *allos* é um *heteros*; geralmente, *allos* simplesmente denota distinção de indivíduos, *heteros* envolve a ideia secundária de diferença de tipo.”<sup>15</sup>

“Não é senão através de nós que o Espírito Santo cumpre Sua missão no mundo”

### Extraordinário privilégio

Nos discursos de despedida do evangelho de João, o Espírito Santo não é meramente um poder impessoal, mas um Agente de Deus que veio como substituto de Jesus, o primeiro Paracleto (Jo 14:26), e continua o trabalho iniciado por Ele. Isso significa que o Paracleto é comparado a Jesus em personalidade e atividade. Também não é o Jesus glorificado, mas a unidade entre ambos, similar à unidade que existe entre o Pai e o Filho (Jo 20:30), bem como o testemunho da declaração de Cristo de que Ele mesmo voltaria na pessoa do Paracleto (Jo 14:18). Assim, “o Paracleto é a presença de Jesus quando Jesus está ausente”.<sup>16</sup>

A evidência cumulativa da Escritura indica que o Espírito Santo é uma Pessoa divina. Porém, lembremo-nos de que, mesmo no evangelho de João, a ênfase não é sobre a personalidade ou natureza divina do Espírito Santo, mas sobre Sua obra. Assim também devemos fazer, ainda mais porque Deus Se agradou de nos tornar participantes de Sua missão (Jo 20:21-23).

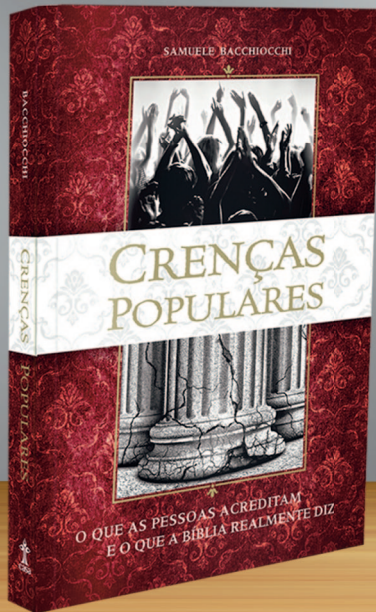
Na realidade, a realização histórica da missão do Espírito depende inteiramente de nós. Ou seja, não é senão através de nós que o Espírito Santo cumpre Sua missão no mundo. Isso é um extraordinário privilégio! Mais que isso, é uma sagrada vocação, ser instrumentos através dos quais o Espírito faz avançar a obra de Cristo na Terra (Jo 15:26, 27). ▮

### Referências:

- <sup>1</sup> Marianne M. Thompson, *The God of Gospel of John* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2001), p. 149.
- <sup>2</sup> John Ashton, *Anchor Bible Dictionary* (Nova York: Doubleday, 1993), v. 5, p. 152.
- <sup>3</sup> Ver também a Nova Vulgata (1979) e a Bíblia de Jerusalém.
- <sup>4</sup> A. R. C. Leaney, *John and Dead Sea Schrolls* (Nova York: Crossroad, 1990), -. 38-61; Lochlan Sheller, *Journal for the Study of the New Testament* 32, n° 2 (2009), p. 131-150.
- <sup>5</sup> Gary M. Burge, *The Anointed Community: The Holy Spirit in the Johanne Tradition* (Grand Rapids: Eerdmans, 1987), p. 141.
- <sup>6</sup> George S. Stevens, *The Theology of the New Testament* (Edinburgh: T&T Clark, 1906), p. 214-220; Ernest F. Scott, *The Fourth Gospel in Purpose and Theology* (Edinburgh: T&T Clark, 1908), p. 343-349; Ian Simpson, *Expositor* 4 (1925), p. 292-299.
- <sup>7</sup> Barnabas Lindars, por exemplo (*The Gospel of John* – Londres: Oliphants, 1972, p. 480), vê aqui uma referência à *parousia*, enquanto Craig S. Keener (*The Gospel of John: A Commentary* – Peabody, MA: Hendrickson, 2003, v. 2, p. 973), entre outros, veem aqui uma ligação com as aparições de Cristo depois da ressurreição.
- <sup>8</sup> James D. G. Duun, *The Christ and the Spirit* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998), p. 214; J. Ramsey Michaels, *The New International Commentary on the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2010), p. 785.
- <sup>9</sup> As passagens e respectivos pronomes masculinos são as seguintes: João 14:26 (*ekeinos*); 15:26 (*hos, ekeinos*); 16:7, 8 (*autos, ekeinos*); 13; 14 (*ekeinos* duas vezes, *heautou*). Nas mesmas passagens há quatro ocorrências de pronomes neutros em conexão com *pneuma*: João 14:17 (*ho, auto*); 26; 15:26 e 7:39 (*ho*).
- <sup>10</sup> George E. Ladd, *A Theology of the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1993), p. 331.
- <sup>11</sup> Daniel B. Wallace, *Greek Grammar Beyond the Basics: An Exegetical Syntax of the New Testament* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1996), p. 331.
- <sup>12</sup> Note que, no hebraico, a palavra “espírito” (*ruah*) é feminina, enquanto em alemão, francês e espanhol é masculina.
- <sup>13</sup> Spiros Zodhiates, *The Complete Word Study New Testament: Bringin the Original Text to Life* (Chattanooga, TN: AMG, 1991), p. 944.
- <sup>14</sup> K. Haacker, *An Exegetical Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1990-1993), v. 2, p. 66.
- <sup>15</sup> Joseph H. Thayer, *Thayer's Greek English Lexicon of the New Testament* (Peabody, MA: Hendrickson, 1997), p. 29.
- <sup>16</sup> Raymond E. Brown, *Anchor Bible Series* (Nova York: Doubleday, 1966-1970), v. 1, p. 1141.



# Lançamentos



## Crenças Populares

*Samuele Bacchiocchi*

Conheça este livro que foi escrito com o objetivo de ajudá-lo a fazer distinção entre verdade bíblica e crença popular, e a ampliar seu conhecimento sobre o plano de Deus para a humanidade.

## Teologia do Remanescente

*Ángel M. Rodríguez*

O adventismo desempenhará um papel único nos eventos finais do conflito cósmico. Ao ler este livro, você terá uma visão mais real desse papel e será desafiado a se unir ao povo de Deus em sua missão especial.

Para adquirir, ligue 0800-9790606\*, acesse [www.cpb.com.br](http://www.cpb.com.br) ou dirija-se a uma das livrarias ou SELS mais perto de VOCÊ. \*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h / Sexta, das 8h às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14hs.





Pastor jubilado, ex-presidente da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia

# O Espírito Santo aqui e agora

*Não podemos pensar em buscá-Lo apenas como um poder futuro. Ele já está trabalhando na igreja e entre o povo de Deus*

**M**inha esposa e eu estávamos na Nigéria nos anos 60, no início da guerra de Biafra, um conflito brutal e sangüinário no qual milhares de pessoas foram assassinadas. Eu era o diretor de nosso colégio no oeste da Nigéria, onde hoje está a Universidade Babcock. Naquela época, o colégio era conhecido por sua padaria e, toda manhã, duas vans saíam para distribuir pão fresco nas cidades perto de Lagos e Idaban.

Certo dia, no fim da tarde, um dos motoristas veio à nossa casa. Ele era de uma tribo do leste chamada Ibo que estava em guerra com o restante do país. Quando o tumulto chegou perto do colégio, muitos estudantes ibos foram para casa, mas esse escolheu ficar conosco. Em nosso encontro, ele disse: “Estou com medo de ir a Idaban amanhã. O senhor poderia ir comigo?”

Na manhã seguinte, saímos às quatro horas, levando uma caixa extra de pães para distribuir entre soldados que encontrássemos nas fronteiras. Fizemos nosso trabalho na cidade e imediatamente voltamos ao colégio. Porém, depois de viajarmos alguns quilômetros, encontramos alguns carros parados na estrada. Junto a eles havia uns doze soldados empunhando fuzis automáticos. Eram soldados da tribo Heusa, do norte da Nigéria, os mais implacáveis inimigos dos ibos. Estavam alcoolizados, falavam apenas poucas palavras em inglês. Eles perguntavam aos ocupantes de cada veículo: “Qual é sua nação?”, o que significava: “Qual é sua tribo?” Ao se aproximarem da nossa van, não precisaram perguntar, porque viram as marcas da tribo na face do nosso motorista.

“Saia, saia!”, eles ordenaram ao rapaz. Eu sabia o que lhe podia acontecer se deixasse a van, pois muitos ibos tinham sido levados para a margem da estrada e ali eram alvejados. Abri a porta e comecei a sair. “Não, você não!”, disseram eles, gesticulando para que eu ficasse no carro. O líder do grupo estava do meu lado, então murmurei uma oração e comecei a falar com ele. Falei sem parar durante uns 15 minutos. Enquanto eu falava, os outros soldados que tinham as armas apontadas para dentro da van se aproximaram para ouvir. Não me lembro de nada do que falei naquele dia. Porém, sei que não falei a linguagem deles nem eles falaram a minha. Mas ouviam, sem se mover, enquanto eu falava. Finalmente, o líder falou ao motorista: “Ok, deixaremos você ir; mas somente porque seu professor falou muito bem.”



Como teólogo e professor, tenho estudado e ensinado a teologia do Espírito Santo. Como pastor, tenho pregado sermões sobre as manifestações do Espírito na igreja. Como líder, tenho orado pela presença e direção do Espírito de Deus nas decisões que algumas vezes parecem requerer mais que o juízo humano. Mas, naqueles poucos minutos, em uma poeirenta estrada nigeriana, o Espírito Santo me alcançou inesperadamente e Se tornou convenientemente real para mim. Seria esse um exemplo de glossolalia: falar em línguas? Qualquer que seja sua definição teológica para isso, sei que o Espírito de Deus agiu naquele momento, com o divino propósito de salvar a vida de um estudante ibo e, possivelmente, a minha também.

Como pastores e líderes de uma igreja que tem sido cautelosa em relação à abordagem de manifestações emocionais ou esotéricas do carisma, temos recado enfatizar como o Espírito atua no dia a dia do povo de Deus. Talvez, em nosso ensino e pregação, algumas vezes superespiritualizamos o Espírito Santo, consignando-O a um reino à parte das realidades de nosso mundo. Descrevemos Seu papel em termos intelectuais e abstratos, atribuindo-Lhe assim um *status* de irrelevância prática.

Mas, o papel do Espírito Santo é funcional, não decorativo. Ele é pessoalmente ativo, não uma imagem teológica. É uma presença dinâmica hoje, não inativamente esperando ser desatrelado em algum momento no futuro. Quando Ele age, está de acordo com a vontade divina, não a nossa. Ele chega aos afazeres humanos, não apenas para soltar “fogos de artifício”, mas para responder de maneiras práticas às necessidades tangíveis, em nossa jornada pessoal e na vida da igreja.

Frequentemente, ouço o termo “espiritual” como sinônimo de “místico”, “inexplicável”, “misterioso”, “indefinível”. Todavia, tudo se torna claro, quando olhamos as circunstân-

cias nas quais o Espírito foi concedido à igreja para fins úteis. Quando Ele age, os resultados são palpáveis e concretos. Ele é, em essência, o Divino Facilitador.

Então, como podemos recalibrar nossa compreensão do Espírito e Sua obra em nossa igreja, de modo que abracemos esse fundamento prático sem, ao mesmo tempo, girar em torno daquilo que pode ser trivial ou focalizado no eu, mero barulho?<sup>1</sup> Para igrejas e pastores que desejam uma liderança cheia do Espírito, há questões adicionais: Em minhas interações diárias, o que parece ser o ministrar no Espírito? Como posso buscar mais a direção do Espírito e discernir Suas sugestões?

Gostaria de partilhar quatro ideias que me têm ajudado a compreender mais claramente como e quando o Espírito Santo age em minha vida e na vida da igreja.

*“Quando o Espírito age, os resultados são palpáveis e concretos. Ele é, em essência, o Divino Facilitador”*

### **A missão do Espírito e o Filho**

Depois de três anos e meio de comunhão, amizade, vidas partilhadas e instruções, os discípulos estavam ansiosos em relação à separação que parecia iminente. Que seria deles, quando Cristo estivesse ausente? Embora sinceros, às vezes eles eram inconstantes, inseguros, imprevisíveis e despreparados para ficar firmes pelo que tinham conhecido como verdade. Seriam capazes de sobreviver sozinhos? Estariam, de fato, sozinhos?

Várias vezes Jesus tentou prepará-los para o dia em que os deixaria (Mt 26:11; Jo 7:33, 34). Assegurou-lhes que, embora estivesse fisicamente ausente, jamais os deixaria: “Estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos” (Mt 28:20); “Não os deixarei órfãos; voltarei para vocês”

(Jo 14:18). A ascensão de Cristo não eliminaria Sua presença real entre Seu povo; essa presença apenas entraria em uma nova fase. Ela estaria entre Sua família terrestre através do ministério do Espírito Santo, e o Pentecostes marcaria o início dessa nova era.

De fato, o Espírito Santo, como terceira Pessoa da Divindade, esteve presente e ativo na Terra desde o início. Estava na criação, inspirou profetas, proveu o dom de liderança para os juizes. Então, por que a vinda especial do Espírito à comunidade de crentes depois da ascensão de Cristo é assinalada na Bíblia? Se Ele já estava presente antes, o que havia de novo agora?

A nova ação do Espírito, depois da ascensão, está intimamente ligada à pessoa e mensagem de Jesus. Ao dar Sua mensagem aos discípulos, Jesus lhes falou sobre a vinda do Espírito Santo e o que Ele faria (Jo 14-16). Aqui não existem mistérios. Embora Cristo não esteja fisicamente conosco, o Espírito Santo continua Seu ministério. Ele não apresenta um evangelho novo ou diferente. Guia-nos, lembra-nos, ensina-nos. “Por Seu poder, as verdades vitais das quais depende a salvação, são impressas na mente, e o caminho da vida se torna tão claro, que ninguém precisa se desviar.”<sup>2</sup>

Assim, qual deveria ser a prova mais importante para qualquer pastor ou líder, que procura conhecer onde o Espírito lidera ou compreender o que é “do Espírito” e o que não é? Olhe para o Filho: Sua vida, Seus feitos, Sua missão. Por meio do Espírito, Jesus Cristo ainda caminha entre a humanidade hoje.

### **Ação do Espírito na comunidade**

Se compreendemos o *por quê* – a missão – do Espírito, o que dizer sobre o *como*? De que maneira Sua presença é vista em nossa vida, como indivíduos, e na vida do povo de Deus?

Talvez a essência do impacto do Espírito possa ser expressa desta maneira: Ele deseja nos guiar para frente e para cima, mais do que nos

orientar para nosso eu; ou seja, o Espírito sempre nos guiará em direção a Cristo e outras pessoas.

Que o fruto do Espírito tenha um cenário social e encontre seu significado em relacionamentos com outras pessoas, não pode ser coincidência. Também não é coincidência que o capítulo do amor (1Co 13) está no centro da argumentação de Paulo sobre os dons espirituais. A unidade da igreja é orgânica. Vida e nutrição devem fluir de um indivíduo para outro; nisso está o significado de “um corpo”. O Espírito nos une.

Desde o início, Deus tem estado no trabalho de criar e recriar, moldar e restaurar por meio de Seu Espírito. A comunidade do povo de Deus sempre tem sido a comunidade do Espírito. Ele funciona de maneira prática. “O Espírito recria, refina e santifica os seres humanos, preparando-os para se tornarem membros da família real, filhos do celeste Rei.”<sup>3</sup>

A presença do Espírito deve transformar débeis seres humanos em uma genuína comunidade de discípulos. Os dons espirituais capacitam essa comunidade para trabalhar por Cristo. Nem todos os discípulos têm os mesmos dons; a escolha é de Deus. Mas o dom primário do Espírito Santo está à disposição de todo aquele que se entrega a Cristo e vive em obediência a Ele.

Em sua primeira carta aos coríntios, Paulo escreveu a uma igreja dividida sobre os dons espirituais. Ele diz que todos os que aceitam Jesus como Salvador recebem o mesmo Espírito (1Co 12:13). O derramamento do Espírito é concedido “visando ao bem comum” (v. 7) e não para algum tipo de alegria privativa. O senso de elitismo espiritual deve ser estranho à família da igreja. Deus não sugere que os crentes devam escolher de um cardápio de dons aqueles de que mais gostariam. Ele distribui os dons conforme as necessidades de Seu povo em qualquer período da História.

As três listas de dons espirituais no Novo Testamento (Rm 12:3-8; 1Co 12:4-11; Ef 4:8-12) deixam claro

que os dons são para o bem comum da igreja, o corpo de Cristo, levando-a à máxima interação e serviço. Algo deve acontecer. O Espírito é um instrumento funcional e catalizador para mudança. Assim, Sua presença na igreja e em nossa vida produz estes resultados:

▫ Assegura-nos de nossa salvação em Cristo (Rm 8:16).

▫ Ajuda-nos a experimentar a liberdade do perdão e a remoção da culpa (2Co 3:17).

▫ Une-nos como povo de Deus (1Co 12:25; Ef 4:3).

▫ Luta contra a corrupção moral (Gl 5:16).

▫ Produz variedade de frutos (Gl 5:22, 23; Ef 4:31, 32).

▫ Guia-nos a uma compreensão mais profunda da verdade (Jo 14:16; 16:12-15).

▫ Capacita-nos para testemunhar (At 1:8; Lc 24:29).

Isso é o que significa ser cheios do Espírito. Ele capacita o povo de Deus a agir como crentes. Tal ação tem que ver com nosso modo de pensar, nossas escolhas e ações. Como descreveu Ellen G. White, “quando, mediante o Espírito Santo, as verdades divinas são impressas no coração, surgem novas concepções, e as energias outrora dormentes despertam para cooperar com Deus”.<sup>4</sup>

Não posso deixar de mencionar um dom do Espírito que tem especial importância para a comunidade de crentes – o dom de profecia, mencionado nas três listas de dons do Novo Testamento. Esse dom “edifica a igreja” (1Co 14:4) e provê direção aos crentes na busca de compreensão da Bíblia.

A fim de compreender o papel do dom de profecia neste período final da história terrestre, devemos nos lembrar da multiplicidade de papéis do Espírito na igreja hoje. Com um olho na vasta extensão de funções dos dons espirituais, o dom de profecia, conforme manifestado na vida e ministério de Ellen G. White, deve ser compreendido. Sua obra não é uma correção nem substituição do

ministério profético do passado. Ela ajuda os crentes a relembrar e compreender as mensagens proféticas de hoje.

Quando um dom do Espírito, incluindo o dom de profecia, é concedido a alguém, ele não se torna o foco da igreja. Cristo, sim, continua sendo o foco. Ele é o coração do evangelho. A igreja Lhe pertence. A missão da igreja é dEle. É assim que sempre deve ser, ou a religião se deteriora em idolatria.

## Plenitude do Espírito

“Como você sabe que está sendo guiado pelo Espírito Santo, ao tomar decisões que afetam a igreja?”, o jovem perguntou durante um programa de TV do qual eu participava no *Pacific Union College*, Califórnia. A pergunta devia ser considerada importante porque esquadrinha nossa pressuposição fundamental sobre o papel do Espírito na igreja e na função de liderança.

Até aqui, temos explorado nossa necessidade de ser mais abertos em reconhecer as ações práticas do Espírito na edificação e capacitação dos crentes. Porém, ao mesmo tempo, alguns de nós que ministramos ao povo de Deus enfrentamos um desafio especial e, talvez, aparentemente contraditório. Como líderes e pastores, somos tentados a nos vestir, bem como vestir nossa fala e nossos projetos, com a linguagem do Espírito, e proclamar que o Espírito está liderando o povo na direção que desejamos ir.

Ungir nossos planos com palavras não garante que nossa vontade e a divina estão alinhadas. Nenhuma função que ocuparmos tem o rótulo de infalibilidade pessoal. Ser guiados pelo Espírito pode nos levar a entender que nosso caminho nem sempre é o certo.

De que maneira deveríamos buscar a direção do Espírito? Ocasionalmente, encontro líderes que, diante de questões difíceis, retraem-se e esperam uma “palavra do Senhor”. Oração particular, meditação e

estudo são absolutamente necessários, mas, buscando identificar a direção do Espírito, líderes sábios também procuram se aconselhar com seus colaboradores. Um líder que se retrai para buscar uma revelação de Deus para determinada situação – uma experiência que pode ser notoriamente subjetiva – pode ser considerado fora da realidade e até mesmo manipulador.

*“A presença do Espírito deve transformar débeis seres humanos em uma genuína comunidade de discípulos”*

De acordo com Ellen G. White, “nossos pastores e líderes precisam reconhecer a necessidade de buscar o conselho de seus irmãos que há muito estão no trabalho, e que alcançaram profunda experiência nos caminhos do Senhor. A disposição de alguns de se fecharem dentro de si mesmos e de se julgarem competentes para planejar e executar, segundo seus próprios juízos e preferências, leva-os a posições difíceis. Tal maneira independente de trabalhar não é correta, e não deve ser seguida”.<sup>5</sup>

Para todos os que buscam a direção do Espírito Santo, os encontros com Ele não são necessariamente experiências emocionais, dramáticas, privativas ou místicas para envolver alguém numa incandescência de piedade. Se estivermos abertos à direção de Deus, o Espírito poderá nos encontrar enquanto dialogamos com um conselheiro confiável, consultamos nossos colegas ou conversamos com nossa esposa. Ele pode nos falar em meio aos negócios administrativos da igreja, ou numa reunião de comissão.

Assim, minha resposta à pergunta daquele jovem foi simples: Liderança eclesiástica jamais deve ser mal interpretada como “infalibilidade pessoal”. A nomeação de alguém para uma função não lhe dá automa-

ticamente uma linha direta com o Espírito Santo. Devemos buscar Sua direção através do estudo da Palavra de Deus, oração, aconselhamento com irmãos e irmãs de fé, e fazer isso com humildade.

### Ministério do Espírito

Durante uma visita à China, em 2009, encontrei duas mulheres cujo trabalho realizado há décadas simplesmente desafiava a lógica humana. Hao Ya Jie lidera uma comunidade adventista em Shenyang. Ela começou o trabalho com 25 pessoas. Atualmente, 20 anos depois, a comunidade é composta de sete mil membros. Três mil na sede e os demais estão distribuídos em 17 congregações. Quando Hao Ya Jie fala, percebe-se um senso de força e ternura em seus olhos; e quando ela ora é impossível não se deixar trespassar pela paixão de suas palavras.

Encontrei também Zu Xiu Hua, na província de Jilin, liderando um distrito de 20 mil membros. Quando as restrições governamentais contra a religião entraram em vigor, em 1989, a igreja naquela região experimentava grande crescimento. Ela relatou a história de um grande batismo conduzido pelo único pastor adventista que ali trabalhava naquela ocasião. Ele planejava realizar sozinho a cerimônia, mas havia muitos candidatos. Então, ele entrou no rio, proferiu a bênção batismal e permitiu que anciãos e diáconos o ajudassem mergulhando as pessoas nas águas batismais. Três mil pessoas foram batizadas durante três dias. Perguntei a Zu Xiu Hua, como isso foi possível. Ela respondeu: “As pessoas receberam estudos bíblicos, notaram nosso zelo e foram impressionadas pelo Espírito Santo.” Uma resposta simples e poderosa.

Algumas vezes retrocedemos o olhar para o extraordinário momento do Pentecostes e olhamos novamente para o futuro derramamento da Chuva Serôdia. Então, é fácil imaginar que ocupamos um espaço intermediário na História, e nos per-

guntamos: Onde estão os sinais e maravilhas? Onde está o espetáculo? Não nos enganemos: o Espírito de Deus está trabalhando hoje, independentemente do que pensemos a respeito de Seu trabalho.

É perigoso pensar em buscar o Espírito apenas como um poder futuro pelo qual devemos esperar e orar. De maneira arriscada, reduzimos o impacto prático do poder do Espírito aqui e agora, ao considerá-Lo algo fora de nosso alcance. Podemos nos tornar espiritualmente introspectivos e distraídos de nossa missão.

A presença e o poder do Espírito Santo em nossa vida e igreja sempre serão um subproduto, não o alvo, da obediência, de nossa boa vontade em confiar nossa vida, nossas ambições e escolhas à missão de Cristo. Pois quando nós, como igreja, focalizamos a missão e reunimos todos os nossos recursos para ela, nós nos abrimos ao influxo e à capacitação do Espírito Santo, sem o qual somos incapazes de cumprir a missão.

Através dos anos tenho estudado, ensinado e pregado sobre o Espírito Santo e, às vezes, tenho lutado para compreender a maneira pela qual Ele atua na igreja hoje. Mas continuo crendo que as perguntas mais importantes que podemos fazer sobre o Espírito são estas: Que diferença prática Ele faz em minha vida? Nas minhas decisões? Em meu estilo de liderança? Na atmosfera que tento cultivar em minha área de trabalho e na igreja? No modo pelo qual eu trato as pessoas, dentro e além da comunidade de fé? No trato que dispense à missão que Deus me confiou?

O Espírito Santo está vivo. Ele está presente e atua hoje em Sua igreja e no povo de Deus, assim como fez no passado. Ele continuará agindo enquanto estivermos aqui. ▀

### Referências:

<sup>1</sup> Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, v. 2, p. 36, 37.

<sup>2</sup> \_\_\_\_\_, *Parábolas de Jesus*, p. 113.

<sup>3</sup> \_\_\_\_\_, *Obreiros Evangélicos*, p. 287.

<sup>4</sup> \_\_\_\_\_, *Atos dos Apóstolos*, p. 520.

<sup>5</sup> \_\_\_\_\_, *Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos*, p. 501, 502.



Secretário da Associação  
Norte Catarinense

# Da criação à glória

*O mesmo Espírito que, no início, pairava sobre as águas continua ativo na recriação do ser humano*

**A** Pessoa divina do Espírito Santo está presente desde o primeiro até o último capítulo da Bíblia. Ele é apresentado em íntima associação com a Terra e a humanidade, envolvido nos extraordinários feitos da criação, conversão e santificação. Num tempo como este em que estamos vivendo, no qual muitos negam Sua personalidade e outros simulam Suas manifestações, é necessário entendê-Lo melhor.

A Palavra de Deus não demora em mencioná-Lo. No segundo versículo da Bíblia, lemos que “o Espírito de Deus Se movia sobre a face das

águas” (Gn 1:2). Assim, ao descrever o processo da criação, Moisés destacou a Pessoa do Espírito Santo, indicando uma presença íntima, profunda e comprometida com nosso planeta. Ele que pairava sobre as águas, continua Se movendo em nosso mundo, sobre povos, nações e línguas. Procura espaço para entrar no coração humano, convencendo-o e guiando-o em toda a verdade.

Conforme o *Comentário Bíblico Adventista*, na criação, o Espírito de Deus estava presente e agiu em cumprimento à ordem do Senhor, fazendo com que perfeição, beleza e

harmonia surgissem do caos. Desde o Gênesis e através de toda a Escritura, esse Espírito exerce papel de agente divino em todos os atos criadores: da Terra, da natureza, da igreja e da nova vida no homem.<sup>1</sup>

Gênesis 2:7 é um texto através do qual podemos contemplar Deus fazendo do solo do jardim uma oficina de trabalho, enquanto Sua mão desempenhava o misterioso ato da formação do homem.<sup>2</sup> Mas qual teria sido o papel do Espírito Santo na criação do ser humano? O patriarca Jó sugere uma resposta ao dizer: “O Espírito de Deus me fez; o



sopro do Todo-poderoso me dá vida” (Jó 33:4). Esse ato traz à memória o relato de João 20:22, onde Cristo soprou sobre os discípulos e lhes deu o Espírito Santo. Alguns teólogos identificam João 20:19-22 como nova criação.<sup>3</sup> De fato, existem alguns paralelos entre os relatos da criação (Gênesis 1; 2) e o relato do evangelho de João. Em ambos as três Pessoas da Divindade são mencionadas. Em ambos há um sopro divino. Em ambos há uma bênção e uma comissão.

*“O maior milagre que podemos presenciar é a substituição de um coração de pedra por um coração sensível e pleno do Espírito de Deus”*

Considerando a intenção de Deus em fazer do corpo humano o templo do Espírito (1Co 6:19), não seria demais dizer que, quando Deus soprou sobre Adão, este se encheu não apenas de vida, mas perfeito, puro, incontaminado como saiu das mãos do criador, também era cheio do Espírito de Deus.

### Depois do pecado

Como sabemos, a felicidade edênica não perdurou e a entrada do pecado causou separação entre Deus e o homem, tristeza ao Espírito de Deus (Ef 4:30). Com nossa mente limitada, podemos apenas imaginar a profundidade do sofrimento e a dor que o pecado causou nAquele que “intercede por nós com gemidos inexprimíveis” (Rm 8:26). Persistindo na rebelião, as gerações se afundaram na perversidade e violência. Mas o Espírito Santo permaneceu aqui, ministrando em favor do pecador e, com isso, revelando a grandiosidade do amor de Deus pela humanidade caída. O Espírito Santo passou a ser o agente divino que toca o coração do ser humano, despertando-o, atraindo-o

e conduzindo-o a Cristo e à verdade, restaurando nele a imagem de Deus.

Assim como era impossível à Terra evoluir por si mesma até chegar a desenvolver plenamente a vida e todos os sistemas, é impossível para o homem desenvolver-se até alcançar plenamente a imagem e semelhança divina. Tendo participado ativamente na criação do mundo a partir de um abismo de trevas, o Espírito Santo é o agente divino que cumpre a vontade de Deus, agindo na recriação de Sua imagem no ser humano mergulhado no abismo do pecado.

Pergunta Ellen G. White: “Quem, a não ser o Espírito Santo, pode trabalhar com mentes humanas para transformar o caráter, tirar as afeições daquilo que é temporal e perecível, e imbuir a mente de ardente desejo por apresentar a herança incorruptível, a eterna substância que é imperecível, e recria, refina e santifica os instrumentos humanos para que se tornem membros da família real, filhos do celeste Rei?”<sup>4</sup>

O ser humano não se converte sozinho, nem instantaneamente. Essa é uma operação maravilhosa do Espírito de Deus (Jo 16:7, 8), conforme descrita nas seguintes palavras: “Mediante um agente invisível como o vento, Cristo está continuamente atuando no coração. Pouco a pouco, sem que o objeto dessa obra tenha talvez consciência do fato, produzem-se impressões que tendem a atrair a pessoa para Cristo. Essas impressões se podem causar meditando nEle, lendo as Escrituras, ou ouvindo a palavra do pregador. De repente, ao chegar o Espírito com mais direto apelo, a pessoa se entrega alegremente a Jesus. Isso é chamado por muitos uma conversão repentina; é, no entanto, o resultado de longo processo de conquista efetuado pelo Espírito de Deus – processo paciente e prolongado.”<sup>5</sup>

### Neutralização da má natureza

A Bíblia apresenta o pecado como uma força terrível, muito acima do controle humano. Paulo o descreveu como algo real, tão pleno e tão forte

quanto uma lei, a lei do pecado enraizada em nossos membros (Rm 7:21, 23). Por causa dessa lei que é própria de sua natureza, o ser humano pode querer ser bom, mas, estando sozinho na tentativa de satisfazer esse desejo, não lhe será possível concretizá-lo. Sozinho, pode querer e se esforçar para ser puro e correto, mas não conseguirá. Qualquer pessoa que tentar por si mesma vencer a lei do pecado, acabará cansada e frustrada, e dirá como Paulo: “Sei que nada de bom habita em mim, isto é, em minha carne. “Porque tenho o desejo de fazer o que é bom, mas não consigo realizá-lo. Pois o que faço não é o bem que desejo, mas o mal que não quero fazer, esse eu continuo fazendo... Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo sujeito a esta morte?” (Rm 7:19, 20, 24).

Certamente, Paulo foi muito sincero ao escrever essas palavras. Ele queria deixar claro que, para o ser humano sozinho, a tarefa de vencer sua natureza pervertida é impossível. Devido a muitos fatores, as lutas espirituais são diferentes, em tipo e intensidade, para cada pessoa. Mas todas convivem com alguma forte tendência pecaminosa que age no seu interior. Como antídoto, Paulo apresenta outra lei que se opõe à lei do pecado: “Por meio de Cristo Jesus a lei do Espírito de vida me libertou da lei do pecado e da morte” (Rm 8:2). Ao pecado e suas tendências para o mal somente é possível “resistir e vencer por meio da poderosa atuação da terceira Pessoa da Divindade”.<sup>6</sup> O Espírito Santo é onipotente.<sup>7</sup> E quando Ele habita em nós, conseguimos, por Seu poder, neutralizar e mortificar as obras da carne (Rm 8:3).

Neutralizar a natureza pecaminosa é parte da jornada de restauração da imagem de Deus no ser humano; é torná-lo participante da natureza divina (2Pe 1:4). Quanto mais pleno do Espírito, mais espiritual é o ser humano, mais ele conhece Deus (1Jo 4:8); mais amoroso e justo será, em preparo crescente para o encontro com o Senhor (Hb 12:14).

O Espírito Santo não conhece limites. Ele pode atuar sobre o mais empedernido pecador e transformá-lo em santo. Tomou Paulo, o implacável perseguidor da igreja, e o transformou no mais ousado mensageiro do evangelho.<sup>8</sup>

O maior milagre que este mundo pode presenciar é a ressurreição de um ser que estava morto em delitos e pecados. É o revestimento de glória em um ser outrora encoberto pelas trevas do mal. É a substituição de um coração de pedra por um coração de carne, sensível e pleno do Espírito de Deus.

## No tempo do fim

Nos últimos dias, a atuação do Espírito Santo será mais poderosa do que em qualquer tempo no passado, tendo em vista o cumprimento de três propósitos: formar um movimento de pregação do evangelho a todo o mundo, fortalecer o povo de Deus a fim de que resista à crise final e preparar a igreja para a vinda de Jesus Cristo.

Ungido pelo Espírito, durante Seu batismo, Cristo iniciou Seu ministério terrestre de salvação (At 10:38). Os apóstolos foram unguídos pelo mesmo Espírito Santo, no dia de Pentecostes, e iniciaram sua missão como evangelistas (At 2:17-41). Ao ser batizado, Paulo recebeu o Espírito, teve a visão recuperada e partiu anunciando a salvação em Jesus Cristo (At 9:17-20). No fim dos tempos a igreja, cheia do Espírito, será capacitada para concluir a missão recebida.

O Apocalipse descreve a atuação do Espírito Santo sobre o povo de Deus, como tendo dois aspectos: Seu ministério sobre a igreja e Seu ministério com a igreja. Um está no início; o outro, no fim do mencionado livro. Nos capítulos 2 e 3, o conselho “ouça o que o Espírito diz às igrejas” é repetido sete vezes (Ap 2:7, 11, 17, 29; 3:6, 13, 22). O Espírito Santo sempre aconselhou e guiou o povo de Deus. Nestes últimos dias, Sua orientação é vital para que seja preservada a unidade da igreja e para coordenar a expansão dela.

Em Apocalipse 22:17, está escrito: “O Espírito e a noiva dizem: ‘Vem!’ E todo aquele que ouvir diga: ‘Vem!’ Quem tiver sede, venha; e quem quiser, beba de graça da água da vida.” Tendo ouvido e atendido o convite do Espírito Santo, a igreja transbordará poder e, com Ele, trabalhará para fazer soar o último convite divino para a salvação da humanidade. Deus não planejou que o Espírito trabalhasse sozinho nesta época solene da história terrestre. Ele deseja que sejamos instrumentos ou parceiros do Espírito na pregação do evangelho.

A mensagem do Apocalipse é clara: o Espírito e a igreja chamam pessoas para viver uma experiência maior e melhor do que tudo o que podem esperar deste mundo árido, cheio de cisternas rotas. Só existem fontes de água viva em Cristo Jesus. O Espírito e a igreja convidam a todos para beber a largos sorvos dessa água. Assim, a mensagem será pregada por pastores e membros reavivados, cheios de fé como fruto de uma vida de oração e comunhão.<sup>9</sup> Ousadamente, condenarão Babilônia pelos pecados cometidos (Ap 18:2, 3). Apontarão a lei de Deus como regra de conduta para Seus filhos, destacando o sábado como dia do Senhor e proclamando o sangue de Cristo para perdão dos pecados. A preciosa verdade alcançará o mundo “não tanto por argumentos como pela convicção profunda do Espírito de Deus”.<sup>10</sup>

## Resistência na crise

Os últimos dias serão marcados por manifestações do enganador. Os poderes do mal serão avolumados (2Tm 3:1-5). A Bíblia prediz a realização de sinais e prodígios (Mt 24:24; Ap 13:13). Surgirão falsos reavivamentos caracterizados por manifestações sobrenaturais de glossolalia e milagres.<sup>11</sup> O sobrenatural servirá de apoio à obra do engano. O inimigo tentará arregimentar os que não estão firmes na verdade da Palavra de Deus e desviar, se possível, até os escolhidos. O fiel povo de Deus

sofrerá ataques externos, incluindo decretos de perseguição, limitação e morte (Ap 13:7, 15, 16). Quando o Espírito Santo não mais estiver persuadindo aqueles que rejeitaram Seus apelos e não se entregaram a Cristo, o mal ultrapassará os próprios limites.<sup>12</sup> Internamente, a igreja será atormentada por extremistas conservadores ou liberais que, através de críticas mordazes, provocarão divisões e deserções. Anjos maus, personificando crentes, se infiltrarão entre o povo de Deus introduzindo forte espírito de descrença.<sup>13</sup>

Será esse um tempo de angústia com nunca houve (Dn 12:1). A agonia que a igreja terá de enfrentar exigirá fé que suporte cansaço, a demora e a fome.<sup>14</sup> É tempo de sacudidura, que levará ao abandono da fé os críticos, superficiais, não consagrados, desobedientes<sup>15</sup> e fará transparecer o remanescente que permanecerá de pé na crise final. A segurança para o fiel é que o Espírito Santo jamais abandonará aqueles a quem selou (Ef 4:30) e preservará o povo de Deus na batalha final.<sup>16</sup> A igreja será perseguida, aprisionada, parecerá fraca, mas será forte no Espírito. A fé não se perde atrás das grades, nem diminui com a perseguição. Atacada e perseguida, mas forte e vitoriosa no Espírito de Deus, a igreja de Cristo aguardará seu Senhor.

## Preparo

Como pastores, muitas vezes estudamos as profecias relacionadas com os últimos dias e quase nos desesperamos porque vemos o cenário profético sendo montado para a última grande crise. Ao mesmo tempo, percebemos que ainda carecemos, como indivíduos e como igreja, de fazer o que precisa ser feito como preparo para enfrentar o que nos aguarda. Há muitos irmãos que não se acham preparados para defender os fundamentos da fé que professam, e têm dificuldade para manter comunhão com Deus, através do estudo diário da Bíblia e da prática da oração. Vaidades mundanas ainda dominam



o coração de alguns. Vivemos os últimos dias da História e muitos ainda parecem indiferentes.

A condição da igreja nestes últimos dias faz lembrar a condição dos apóstolos antes do Pentecostes. Estiveram com Cristo, mas não haviam se deixado moldar pelos ensinamentos e exemplo do Mestre. Eram egoístas e disputavam posições (Mc 9:34), ao mesmo tempo em que se mostravam tímidos na defesa da verdade. Tinham dificuldades para entender as palavras de Cristo e para interpretá-las corretamente. Em certas ocasiões, mostraram-se fracos no combate ao poder das trevas (Mt 17:15, 16). No jardim do Getsêmani, dormiram quando deviam permanecer em oração (Mt 16:36-46). Não entenderam algumas parábolas do Mestre (Mt 13:36; Jo 10:6) nem se conformaram com as previsões de sofrimento e morte de Cristo (Mc 9:31, 32).

Porém, com a vinda do Espírito Santo, no Pentecostes, aqueles homens tímidos, temerosos, inconstantes e vaidosos foram transformados. O que fizeram eles? Consagraram-se, humilharam-se, oraram, confessaram faltas, apararam arestas, sepultaram ressentimentos e mágoas, pediram intensamente e esperaram confiantemente o cumprimento da promessa do Espírito Santo. Quando, finalmente, Ele Se manifestou em forma de línguas de fogo, em som como de tempestuoso vento sobre eles, nunca mais foram os mesmos. Cheios de poder, com inusitada ousadia, fizeram grandes coisas para Deus.

Essa é a experiência que a igreja deve buscar urgentemente. Inclusive, porque “não há coisa alguma que Satanás tema tanto como que o povo de Deus desimpeça o caminho mediante a remoção de todo impedimento, de modo que o Senhor possa derramar Seu Espírito sobre uma enfraquecida igreja e uma congregação impenitente... Quando o caminho estiver preparado para o Espírito de Deus, a bênção virá. Satanás não pode impedir uma chuva de bênção de cair sobre o povo de Deus, assim como

não pode fechar as janelas do Céu para que a chuva não caia sobre a Terra. Homens ímpios e demônios não podem impedir a obra de Deus nem excluir Sua presença das reuniões de Seus fiéis, caso eles, de coração rendido e contrito, confessem e afastem de si seus pecados, reclamando com fé as promessas de Deus. Toda tentação, toda influência contrária seja ela franca ou oculta, será resistida com êxito, ‘não por força nem por violência, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos exércitos’ (Zc 4:6).<sup>17</sup>

O poder para anunciar eficazmente o evangelho é o poder do Espírito. A força para resistir à crise vem do Espírito. A santificação da igreja para o encontro com o Senhor é resultado da operação do Espírito.

### A glória do remanescente

Haverá um remanescente, uma igreja preparada para o encontro com o Senhor; um povo cheio do Espírito, “com o rosto iluminado e a resplandecer de santa consagração”, anunciando com pressa a mensagem do Céu.<sup>18</sup> Essa não é apenas uma possibilidade. É uma profecia. Jesus falou do grupo que, em Sua vinda, ouvirá as melodiosas palavras: “Venham, benditos de meu Pai! Recebam como herança o reino que lhes foi preparado desde a criação do mundo” (Mt 25:34). João viu a noiva ataviada com linho finíssimo, resplandecente e puro, pronta para as bodas do Cordeiro (Ap 19:7-9). Nós somos chamados a fazer parte do cumprimento dessa profecia. Temos o privilégio de ser usados pelo Espírito a fim de promover a unidade e santificação da igreja, preparando assim a noiva para o encontro com o Noivo. O maior prêmio do ministério pastoral será ver pessoas pelas quais trabalhamos recebendo das mãos de Cristo a coroa da vida eterna.

Glória é uma palavra-chave no evento da vinda de Cristo. O dia do evento será glorioso (At 2:20); Jesus virá em glória (Mt 24:30); os salvos ressuscitarão em glória (1Co 15:43); receberemos “a imperecível coroa da

glória” (1Pe 5:4). A igreja se tornará gloriosa (Ef 5:27). A glorificação da igreja no dia da vinda de Cristo é o clímax de um processo que começa com o trabalho do Espírito Santo a partir da conversão, porque o Espírito de Deus é o Espírito da glória (1Pe 4:14), e através do Espírito estamos sendo transformados de glória em glória (2Co 3:18). É o Espírito que renova, santifica e glorifica<sup>19</sup> o homem. Pela comunhão com Cristo vamos crescendo de glória em glória até que a natureza pecaminosa seja erradicada e o Espírito de Deus nos tome em plenitude.

De tudo o que foi mencionado até aqui, três verdades essenciais devem ser lembradas: nossa existência é fruto da ação do Espírito Santo. Só existe comunhão e harmonia com Deus através do Espírito Santo. O cumprimento da missão somente é possível através do poder do Espírito Santo. Por isso, o ministério pastoral cheio do Espírito Santo é vivo e poderoso; vem de Deus e leva para Deus. “A descida do Espírito Santo sobre a igreja é olhada como estando no futuro; é, porém, o privilégio da igreja tê-la agora. Busquem-na, orem por ela, creiam nela. Precisamos tê-la, e o Céu espera para concedê-la.”<sup>20</sup> ■

### Referências:

- <sup>1</sup> *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, v. 1, p. 209.
- <sup>2</sup> *Ibid.*, p. 222.
- <sup>3</sup> Ver comentários sobre João 20:22 em William Barclay, *Comentário do Novo Testamento*; e no *Comentário Bíblico Moody*.
- <sup>4</sup> Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, v. 3, p. 138.
- <sup>5</sup> \_\_\_\_\_, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 172.
- <sup>6</sup> *Ibid.*, p. 671.
- <sup>7</sup> Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 21.
- <sup>8</sup> *Ibid.*, p. 120.
- <sup>9</sup> Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 606.
- <sup>10</sup> *Ibid.*, p. 612.
- <sup>11</sup> Ellen G. White, *Eventos Finais*, p. 138, 139.
- <sup>12</sup> \_\_\_\_\_, *O Grande Conflito*, p. 614.
- <sup>13</sup> \_\_\_\_\_, *Eventos Finais*, p. 140.
- <sup>14</sup> \_\_\_\_\_, *O Grande Conflito*, p. 621.
- <sup>15</sup> *Ibid.*, p. 608.
- <sup>16</sup> Ellen G. White, *Eventos Finais*, p. 215, 126.
- <sup>17</sup> \_\_\_\_\_, *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 124.
- <sup>18</sup> \_\_\_\_\_, *O Grande Conflito*, p. 612.
- <sup>19</sup> *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, v. 6, p. 850.
- <sup>20</sup> Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 701.



Tesoureiro da Sociedade Teológica Adventista

# O infalível intérprete da Bíblia

*Somente o Espírito Santo, que nos deu as Escrituras, pode nos ajudar a entendê-las corretamente*

Diferente da literatura secular, a Bíblia foi escrita sob a supervisão do Espírito Santo. Pelo fato de que sua origem difere da origem de outras obras literárias, os elementos para sua interpretação também devem ser diferentes. A hermenêutica para o estudo das obras de autores famosos do mundo não é adequada para o estudo da Bíblia. Justamente porque o papel do Espírito Santo na produção, interpretação e aplicação da Bíblia a distingue de todas as outras literaturas humanamente motivadas, devemos reconhecer e respeitar sua origem singular.

Embora a Escritura não tenha um texto de significado espiritual místico, secreto ou incompreensível em si mesmo, esse significado não pode ser captado simplesmente pelo estudo da sintaxe, gramática, dos antecedentes, autor, estilo ou estrutura. A fim de compreendermos corretamente a Bíblia, necessitamos permitir que ela seja seu próprio intérprete, sob a orientação do mesmo Espírito que originalmente a inspirou.

## Origens

A Bíblia se apresenta como um estilo distinto de literatura, reivindicando repetidamente sua origem divina. “Veio a mim a Palavra do Senhor”; “disse Deus”; “o Espírito do Senhor falou”; são expressões empregadas pelos autores para identificar a origem da mensagem. Paulo se referiu às Escrituras como os “oráculos de Deus” (Rm 3:2), e também declarou: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra” (2Tm 3:16, 17). Pedro afirmou que o Espírito Santo falou através dos profetas, vaticinando a vinda do Salvador.

Embora tenha sido escrita ao longo de séculos, a Bíblia mostra uma unidade de revelação divina que foi canalizada através do Espírito Santo para os profetas e apóstolos. A combinação entre o humano e o divino resultou no que é a Palavra de Deus. Por essa razão, a Escritura diz que “jamais a profecia teve origem na

vontade humana, mas homens falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo” (2Pe 1:21).

Assim, a Bíblia é única. Por causa de sua origem divina, ela é sua própria autoridade, independentemente da autoridade, filosofia e dos métodos humanos. Sua hermenêutica vem dela mesma e está em harmonia com ela mesma.

## Visão de mundo

A verdade afirmada por uma peça literária normalmente é aceita pelo poder de sua retórica, lógica, filosofia e ciência, ou por sua apresentação de fatos, a beleza de sua linguagem e habilidade do autor. Entretanto, a Escritura não necessita do poder de escritores humanos. Primeiramente, o Espírito prepara nosso coração e mente para recebê-la como autoridade para nossa vida. O Espírito confirma seus ensinamentos: “O próprio Espírito testemunha ao nosso espírito que somos filhos de Deus” (Rm 8:16). “Ninguém pode dizer: ‘Jesus é Senhor’, a não ser pelo Espírito Santo” (1Co 12:3). Também é dito:

“nosso evangelho não chegou a vocês somente em palavra, mas também em poder, no Espírito Santo e em plena convicção” (1Ts 1:5).

Uma atitude mundana, ou uma empírica, humanística ou racionalista cosmovisão imposta à Bíblia pode fechar a mente para o que Deus tem transmitido através de Sua Palavra. Jesus é a Luz do mundo; todavia, quando Ele veio em Sua própria luz, os homens preferiram as trevas. Eles se agarraram à própria cosmovisão, em vez de se exporem à Luz (Jo 1:4-13). Assim, foram deixados em trevas.

Até os discípulos foram afetados pelo mesmo problema. Eles estiveram com Cristo durante três anos e meio; porém, a despeito das profecias do Antigo Testamento e dos constantes ensinamentos e advertências de Cristo, eles não esperavam a crucifixão. Sua cosmovisão não lhes permitia aceitar um Messias sofredor. Ciúmes e disputas ocupavam tanto a mente deles que não podiam ouvir as advertências de Cristo sobre Sua morte que logo ocorreria.

Nicodemos procurou Jesus à noite, levado pela visão de que o Messias podia ser um rei mundano. Ele como que produziu uma velinha, humanamente centralizada, para tentar iluminar a Luz do mundo. Aplicou uma forma de pensamento terrestre à sua compreensão de Jesus (Jo 3:1, 2).

Conhecendo Nicodemos, Jesus foi diretamente ao ponto: A menos que alguém seja nascido da água e do Espírito, não pode ver o reino do Céu. O que é da perspectiva terrestre é terrestre. O que é nascido do Espírito é espiritual. Nicodemos respondeu: “Como é possível nascer de novo?” Jesus respondeu que nós falamos do que conhecemos; isto é, a visão mundana da vida que ocupa nossa mente (Jo 3:5, 6, 9, 11).

Se temos dificuldade em compreender sinais e milagres, como podemos compreender o que Cristo nos fala a respeito das coisas celestiais? Em contraste ao pensamento mundano, se o Filho do homem é levan-

tado, Ele atrai a Si todos os seres humanos (Jo 12:32). Aqueles que vão a Jesus sabem quem é Ele, porque são nascidos e guiados pelo Espírito Santo (Jo 3:1-20; cf. Jo 1:31-34). Em outras palavras, somente sob o poder e inspiração do Espírito Santo alguém pode conhecer a verdade. Sistemas mundanos de pensamento não nos levarão à cruz; na verdade, nos afastarão dela.

Paulo chama a atenção para a importância da perspectiva correta para a compreensão da Palavra de Deus: “Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12:2). Assim, ele adverte: “Tenham cuidado para que ninguém os escravize a filosofias vãs e enganosas, que se fundamentam nas tradições humanas e nos princípios elementares deste mundo, e não em Cristo. Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade, e, por estarem nEle, que é o Cabeça de todo poder e autoridade, vocês receberam a plenitude” (Cl 2:8-10).

Por meio de sua sabedoria, o mundo, conforme Paulo mencionou aos coríntios, não conhece Deus. Alguns buscam sinal, isto é, evidência empírica, enquanto outros querem sabedoria filosófica; mas Deus não é encontrado nesses sistemas. Somente podemos conhecê-Lo através de Sua autorrevelação e, por meio do Seu Espírito, Ele Se faz conhecido a nós. O Espírito Santo, não o mundo, nos ensina a respeito de Deus. Nosso poder e conhecimento não se encontram nos sistemas humanos, mas na sabedoria e no poder de Deus, segundo nos é revelado por Seu Espírito.

### Conversão

Quando nos entregamos à vontade de Deus através do Espírito, somos nascidos de novo. A conversão produzida pelo Espírito Santo é uma completa reversão de direções. Anteriormente, vivíamos em trevas;

agora, vivemos na luz. Nossa vida era direcionada para as coisas deste mundo; agora sabemos que desejamos as coisas celestiais. Nossa mente estava enlaçada pelos erros das perspectivas mundanas; agora, por meio da revelação bíblica, vemos as coisas segundo o ponto de vista de Deus.

Por essa razão, toda atitude de rejeição da posição de que a Escritura é fruto da vontade de Deus, através da mediação do Espírito Santo, nega a razão para a existência da Bíblia. Rejeita seu contexto imediato. Portanto, o intérprete perde o que é vital para a compreensão da Escritura, que é a Palavra de Deus. Essa imposição de uma cosmovisão externa sobre a Bíblia nega ao intérprete o princípio básico e o poder essencial para compreensão da Bíblia. Assim, surgem as interpretações erradas.

Além disso, a obstinada retenção do pecado na vida nos torna desafinados com a Palavra de Deus, pois o pecado nos insensibiliza para a influência do Espírito Santo, da qual necessitamos para discernir corretamente a Escritura. “Quem não tem o Espírito não aceita as coisas que vêm do Espírito de Deus, pois lhe são loucura; e não é capaz de entendê-las, porque elas são discernidas espiritualmente” (1Co 2:14). “A mentalidade da carne é morte, mas a mentalidade do Espírito é vida e paz; a mentalidade da carne é inimiga de Deus porque não se submete à Lei de Deus, nem pode fazê-lo” (Rm 8:6, 7).

### Manobras

Sob o poder e direção do Espírito Santo, a Bíblia é nossa ligação com Deus. Por isso, é propósito de Satanás nos levar a interpretá-la mal. O inimigo deseja instilar em nós um “coração perverso e incrédulo, que [nos] afaste do Deus vivo” (Hb 3:12). Ele trabalha para nos tentar a duvidar da Palavra de Deus (Hb 3: 4) e, nessa tentativa, leva-nos a usar métodos independentes dos métodos de Deus. Leva-nos a deificar a razão, fazendo-nos pensar em nosso próprio intelecto como sendo independente de Deus.



Sugere que, fundamentados em princípios científicos, podemos explicar a influência do Espírito. Leva-nos a perverter o significado da Escritura; tenta-nos a rejeitar as menores verdades bíblicas, o que nos fará rejeitar as maiores. Em suma, ele sabe que o evangelho é um mistério para os que estão perdidos, aqueles a quem o “deus desta era cegou o entendimento... para que não vejam a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus” (2Co 4:4).

Portanto, é fundamental que jamais nos deixemos levar por essas manobras destinadas a nos fazer rejeitar o papel do Espírito Santo na compreensão da Escritura.

Nossa compreensão da Escritura é aclarada quando abrimos a mente ao Espírito que transforma tanto a mente quanto o coração. “Se o Espírito dAquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vocês, Aquele que ressuscitou a Cristo dentre os mortos também dará vida a seus corpos mortais, por meio do Seu Espírito, que habita em vocês (Rm 8:11).

O poder de Cristo operando através do Espírito, remove o véu da nossa cegueira mental (2Co 4:4-17). Com face descoberta, todos nós que contemplamos “a glória do Senhor, segundo a Sua imagem estamos sendo transformados com glória cada vez maior, a qual vem do Senhor, que é o Espírito” (2Co 3:18). Então, Ele escreve a lei de Deus em nosso coração de carne (v. 3), harmonizando esse coração bem como nossa mente com a mente de Cristo (1Co 2:16).

Essa união com Cristo abre nossa mente para ver a beleza e ter a compreensão da Palavra de Deus, o que éramos incapazes de experimentar antes da conversão. Em outras palavras, uma verdadeira compreensão da Bíblia depende da conversão do coração e da mente por meio da operação do Espírito.

### **Poder e direção**

O Espírito Santo é o Espírito da verdade (Jo 15:26). O Espírito não fala de Si, mas sempre em harmo-

nia com a Bíblia. Ele nos faz lembrar as palavras da Escritura, estimula a mente a fim de possibilitar mais profunda compreensão da mensagem bíblica. “Quando o Espírito da verdade vier, Ele os guiará a toda a verdade. Não falará de Si mesmo; falará apenas o que ouvir, e lhes anunciará o que está por vir. Ele Me glorificará, porque receberá do que é Meu e o tornará conhecido a vocês” (Jo 16:13, 14).

Temos o privilégio de comungar com Aquele que nos deu a Palavra do Senhor e receber o estimulante poder que produz conversão de coração e mente. O Espírito Santo nos conduz às palavras de vida. Ele comunica o perdão de Deus através do sacrifício de Jesus Cristo, capacita-nos a viver por Jesus e confirma nossa esperança de vida eterna com Cristo.

Unicamente o Espírito, que nos deu as Escrituras, pode nos dar compreensão delas. O Espírito Santo fala à nossa mente e imprime verdades bíblicas sobre nós. Ele exalta e glorifica Jesus Cristo em Sua pureza, justiça e salvação, “conduzindo-as [verdades bíblicas] como um poder vivo ao coração obediente” (Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 167).

Pelo Espírito, entramos na vida de santificação. A regeneração de nossa vida nos habilita a compreender plenamente a verdade. Cristo orou: “Santifica-os na verdade, a Tua Palavra é a verdade” (Jo 17:17). Existe uma interação entre a vida que vivemos e nossa compreensão da verdade. A verdade não é simplesmente o que nós sabemos, mas o que fazemos (1Jo 1:6; Jo 3:21). Disse Jesus: “Se alguém decidir fazer a vontade de Deus, descobrirá se o Meu ensino vem de Deus ou se falo por Mim mesmo” (Jo 7:17).

### **Proclamação**

Se nossa leitura da Bíblia estiver aberta à orientação do Espírito Santo, ela culminará com o desejo de partilhar com outras pessoas o que Cristo tem feito por nós. Depois da ressurreição, Cristo Se reuniu com os discípulos e lhes prometeu que o Es-

pírito Santo viria sobre eles a fim de que fossem testemunhas em Jerusalém, Judeia, Samaria, até os confins da Terra. Mais tarde, quando todos estavam juntos, ficaram cheios do Espírito e apresentaram corajosamente a Palavra de Deus (At 1:5-8; 4:31). Paulo também afirmou que não tinha vindo com excelência de sabedoria, com palavras persuasivas de sabedoria humana nem sinais empíricos, mas em demonstração do Espírito e poder (1Co 1:17; 2:16).

O dom do Espírito Santo impeliu os discípulos a levar a mensagem do evangelho a todo o mundo. Em vez de especulação humana, a espada do Espírito derramou luz sobre Cristo e abriu caminho entre a descrença, produziu penitência, confissão e transformação. Milhares se converteram em um só dia. Rapidamente, a igreja se expandiu (Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 284).

O poder da Bíblia sob o Espírito de Deus não é imaginário, etéreo nem místico. Esse poder trouxe mundos à existência, deu vista a cegos, cura para surdos e vida a mortos. O que mais Satanás desejaria era reduzir a força desse poder em nós, distanciar-nos da transformação que ele produz e separar nossa pregação de sua influência.

O Espírito Santo é o Consolador. Ele almeja abrir a Bíblia para nós, pois ela contém a mensagem do amor de Deus, Seu plano de salvação e Sua oferta de perdão. Ele nos purifica do pecado que anuvia nossa leitura das Escrituras. O Espírito Santo produz conversão de coração e mente, o que nos habilita a compreender a Palavra de Deus e viver em harmonia com ela. Finalmente, através das Escrituras, o Espírito Santo nos dá a promessa da breve vinda de Jesus, que restaurará nossa comunhão face a face com Deus, propósito para o qual a Escritura foi dada originalmente.

Inspirada pelo Espírito Santo, a Bíblia pode ser compreendida apenas por meio desse mesmo Espírito. Quão importante é que abramos nossa vida à obra do Espírito! ▀





Diretor da Faculdade  
Adventista de Teologia em  
Bogenhofen, Austria

# Invisível, mas perceptível


*Tudo o que o Espírito Santo realiza em nós, por nosso intermédio e em nosso favor*

Quando consideramos a doutrina do Espírito Santo, somos confrontados com um estranho paradoxo. Por um lado, encontramos um silêncio em muitas obras teológicas, com apenas alguma referência superficial sobre o tema em ligação com a questão da Trindade. Por outro lado, encontramos um crescente interesse no trabalho do Espírito Santo. O movimento pentecostal e a subsequente onda de cristianismo carismático têm levado muitos cristãos a um novo despertamento em relação ao Espírito Santo e Seus dons na vida dos crentes. Aqui, o foco é posto na obra do Espírito Santo em nós – os dons espirituais que nos capacitam para o desempenho de nossos ministérios.

Muito desse interesse alimentado em relação ao Espírito Santo é motivado pelos benefícios que adquirimos dEle. Entretanto, devemos nos lembrar de que o tema da Bíblia é primeiro e acima de tudo Deus; não nós e nosso potencial espiritual. Mesmo os dons que recebemos pertencem a Deus (1Co 12:11). Portanto, é apropriado que estudemos o Espírito Santo e Sua obra a partir de uma base teocêntrica e bíblica.







Porém, aqui há um desafio: As Escrituras não apresentam o Espírito em nenhuma forma estruturada e metódica. Talvez, em parte, isso tenha que ver com uma característica peculiar ao próprio Espírito Santo: Sua posição de retaguarda.

### Abnegação

Na Bíblia, o Espírito Santo não busca ser o centro da atenção. Ele desempenha um papel que envolve mais uma “posição de retaguarda” na Divindade.<sup>1</sup> O Espírito Santo promove e intermedia a presença e o senhorio de Jesus Cristo através de Sua presença em nossa vida. James Packer disse apropriadamente: “A mensagem do Espírito nunca é: ‘Olhe para Mim’; ‘ouça-Me’; ‘venha a Mim’; ‘receba-Me’; mas sempre é: ‘Olhe-O’; ‘veja Sua glória’; ‘conheça-O’; ‘ouça Sua Palavra’; ‘vá a Ele e tenha vida’; ‘experimente Seu dom de alegria e paz’.”<sup>2</sup>

Em nosso mundo pecaminoso tão cheio de egocentrismo e busca de autopromoção, a beleza do Espírito pode ser vista não na exibição do Eu, mas em Sua abnegação. “Por essa razão os crentes são chamados ‘cristãos’, não ‘espírito-santistas’.”<sup>3</sup> Assim, o Espírito Santo nos ensina humildade, ao dar glória a Deus o Pai, através de Jesus Cristo, Seu Filho.

### Conhecimento de Deus

O Espírito Santo também desempenha papel fundamental em nosso conhecimento de Deus. O apóstolo Paulo estabelece que o Espírito Santo examina até a profundidade de Deus (1Co 2:10, 11). Ele conhece Deus como nenhum outro ser conhece. Não apenas tem acesso exclusivo a Deus, mas também é divino, membro da Divindade.<sup>4</sup> Por essa razão, o Espírito Santo é singularmente adequado para revelar Deus e Sua vontade a nós, de maneira confiável e autorizada. Conhecer o Deus da Bíblia significa que temos que confiar em Deus que Se tornou conhecido a nós, através do Espírito Santo, em Sua Palavra. Em certo sentido, o Espírito Santo é a base epistemológica para o conhecimento de Deus.

### Revelação e inspiração

As revelações especiais de Deus e Sua vontade, contidas na Escritura, resultam do trabalho do Espírito Santo. Toda a Escritura é inspirada por Deus (2Tm 3:16), e nenhuma profecia pode ser elaborada por vontade humana (2Pe 1:20, 21). O Espírito Santo é o Espírito da verdade (Jo 14:16, 17; 15:26), produz em nosso coração e mente confiança na Palavra de Deus. O Espírito Santo moveu os escritores bíblicos de tal maneira que o que eles escreveram em suas próprias palavras foi, apesar disso, a Palavra de Deus que nos chega com autoridade divina (1Ts 2:13). Embora o Espírito Santo tenha inspirado aqueles escritores para que se lembrassem fielmente do que Deus lhes havia revelado, o resultado não foi um livro primariamente sobre o Espírito Santo, mas sobre Jesus Cristo, o Filho de Deus (cf. Lc 24:25-27, 44, 45; Jo 16:14; 15:26; At 5:32; 1Jo 4:2).

A íntima ligação entre o Espírito Santo e a Bíblia reside no fundamento do princípio protestante de autoridade. De acordo com Bernard Ramm, “o próprio princípio de autoridade dentro da igreja cristã deve ser... o Espírito Santo falando nas Escrituras, que são produto da ação inspiradora e reveladora do Espírito”.<sup>5</sup> A Bíblia é autorizada porque é o veículo através do qual Deus escolheu nos falar, mediante a obra do Espírito.

### O Espírito Santo e as Escrituras

Enfaticamente, Calvino chamou a atenção para o fato de que o Espírito Santo confirma o testemunho e estabelece a inviolável autoridade das Escrituras. A isso ele chamou de testemunho interno do Espírito (*testimonium Spiritus sancti internum*).<sup>6</sup> Esse testemunho é mais forte que qualquer razão humana. Assim, a Escritura é autoautenticada.<sup>7</sup> Essa garantia não é fruto de algum processo racional, mas é recebida pela fé. O Espírito Santo estabelece a confiabilidade das Escrituras na vida do cristão.



Ter a segura Palavra de Deus não é o bastante. Esse ato deve ser seguido de aceitação e obediência da Palavra. Assim, revelação, inspiração, correta compreensão e obediência à Palavra revelada são derivadas do Espírito Santo. Sem o Espírito, não há apreciação, ou afeição pela mensagem divina. Sem o Espírito, fé e amor estarão ausentes em nossas respostas à mensagem da Escritura. Necessitamos do Espírito Santo para nos capacitar a compreender o que Ele inspirou (cf. 1Co 2:12, 14, 15; Ef 1:17-19; Sl 119:18).

*“A verdadeira unidade é trabalho do Espírito. Somos Seus humildes servos e não devemos estorvar Sua influência”*

O trabalho do Espírito Santo com a Escritura não se limita ao distante passado. Ele continua a falar às pessoas através da Bíblia ainda hoje, tornando-a viva, ao mesmo tempo em que nos ajuda a compreender o significado e relevância do texto bíblico para nossa vida no presente. “O Espírito não foi dado... a fim de sobrepor-Se à Escritura; pois esta explicitamente declara ser ela mesma a norma pela qual todo ensino e experiência devem ser aferidos.”<sup>8</sup>

Ao aceitar a Palavra escrita como sendo confiável e verdadeira, somos levados pelo Espírito a aceitar a Palavra viva de Deus, Jesus Cristo, como nosso Salvador e Senhor.

### **O Espírito Santo e Cristo**

O Espírito Santo foi ativo instrumento não apenas na produção da Palavra escrita de Deus, mas também atuou na concretização da Palavra encarnada. Ele preparou o caminho para o Messias através dos profetas. Mais significativamente, “a concepção do Messias foi empreendida pelo Espírito”.<sup>9</sup> Ele foi o responsável pela concepção de Jesus Cristo no ventre da virgem Maria: “O anjo respondeu: O Espírito Santo virá sobre você, e

o poder do Altíssimo a cobrirá com a Sua sombra” (Lc 1:35). Qual foi o resultado disso? Aquele recém-nascido seria chamado “santo, Filho de Deus”, significando que Jesus é na verdade o Filho de Deus, verdadeiramente divino e verdadeiramente humano.

### **Segurança da salvação**

O Espírito Santo nos dá certeza de nossa salvação por meio de Jesus Cristo. Ele “testemunha ao nosso espírito que somos filhos de Deus” (Rm 8:16). Dá-nos a evidência de que Deus trabalha em nós. “Do seguinte modo sabemos que Ele permanece em nós: pelo Espírito que nos deu” (1Jo 3:24). O Espírito Santo nos dá segurança de nossa adoção como filhos de Deus. Ele é a testemunha e o selo que confirmam nossa permanência em Cristo (2Co 1:21, 22; Ef 1:13, 14; 4:30).

O Espírito Santo é o agente desse selamento e a garantia de que Deus completará a obra que Ele mesmo começou em nós (Fp 1:6). Por essa razão, o apóstolo Paulo estabelece que todas as promessas de Deus têm o “sim” em Cristo (2Co 1:20), que “nos ungiu, nos selou como sua propriedade e pôs o seu Espírito em nossos corações como garantia do que está por vir” (v. 21, 22). Esse selamento implica uma obra de dimensão moral; andar no caminho da santidade que acompanha o selamento do Espírito.<sup>10</sup> Daí, a admoestação paulina: “Não entristeçam o Espírito Santo de Deus, com o qual vocês foram selados para o dia da redenção. Livrem-se de toda amargura, indignação e ira, gritaria e calúnia, bem como de toda maldade. Sejam bondosos e compassivos uns para com os outros, perdoadando-se mutuamente, assim como Deus os perdoou em Cristo” (Ef 4:30-32, cf. 1Tm 2:19). Em outras palavras viver no Espírito significa ter um estilo de vida espiritual e congruência moral com os ensinamentos das Escrituras (cf. 1Co 4:17).

### **Novo nascimento**

“Respondeu Jesus: ‘Digo-lhe a verdade: Ninguém pode entrar no

Reino de Deus, se não nascer da água e do Espírito. O que nasce da carne é carne, mas o que nasce do Espírito é espírito.’” (Jo 3:5, 6). Paulo afirma que, sem a obra do Espírito Santo, não podemos experimentar regeneração e renovação (Tt 3:5). Na verdade, enquanto nos permitimos ser guiados pelo Espírito de Deus, tornamo-nos filhos de Deus (Rm 8:14). O Espírito desperta corações pecaminosos e espiritualmente mortos (Ef 2:1; Ez 36:26, 27) e cura nossa cegueira espiritual (At 26:18; 2Co 4:4). Ele realiza isso ao despertar em nós a conscientização de nosso pecado (Jo 16:8) e nos convencer de nossa perdição e da consequente necessidade de um Salvador.

### **Santificação e desenvolvimento de caráter**

O Espírito Santo deseja nos tornar santos, assim como Deus é santo. Por essa razão, Ele nos purifica do pecado e nos santifica. Paulo escreveu: “Vocês foram lavados, foram santificados, foram justificados no nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito de nosso Deus” (1Co 6:11). O Espírito produz em nós uma vida inteira de crescimento em santidade, exteriorizada no surgimento de frutos como “amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio” (Gl 5:22, 23). Ele nos capacita a viver vitoriosamente pela graça de Deus. Nosso ser é transformado à Sua semelhança “com glória cada vez maior, a qual vem do Senhor, que é o Espírito” (2Co 3:18).

Através do poder do Espírito Santo, recebemos santificação e a alegria da obediência (2Ts 2:13; 1Pe 1:2; cf. Rm 8:4; 15; 16).

### **Missão e evangelismo**

O Espírito Santo também capacita os crentes para a missão e o evangelismo. Ele provê o poder essencial para a missão da igreja (At 1:8; Rm 15:18, 19). O Espírito Santo chama pessoas para que sejam portadoras da missão de Deus (At 13:2, 3).

Ele guia e dirige missionários a lugares específicos a fim de que sejam testemunhas de Deus e trabalhem pelo crescimento de Sua igreja (At 16:6-8). Também equipa os cristãos para a proclamação efetiva do evangelho eterno em todo o mundo, e leva pessoas a aceitar Jesus como Salvador e a ser obedientes à Palavra escrita de Deus.

O Senhor determinou que a mensagem de Seu evangelho seria pregada ao mundo através de Seus discípulos que tivessem recebido o Espírito Santo. Entretanto, somente se a igreja estiver unida poderá cumprir a missão mundial. Nesse ponto, o Espírito Santo desempenha outra tarefa significativa.

### Unidade na igreja

O Espírito Santo nos une de diversas maneiras. Primeiramente, Ele nos conduz a Cristo, nosso Salvador e nos une a Ele. De acordo com João Calvino, “o Espírito Santo é o vínculo pelo qual Cristo efetivamente nos une a Si”.<sup>11</sup> Ser unido a Cristo “é, de fato, o fundamento de todas as bênçãos da salvação. Justificação, santificação, adoção e glorificação, tudo isso é recebido através de nossa união com Cristo”.<sup>12</sup> Esse trabalho do Espírito Santo, realizado no indivíduo, leva a uma comunidade de fé específica: a igreja.

Tendo experimentado a salvação por meio de Jesus Cristo, a igreja é levada a viver a comunhão do Espírito Santo (2Co 13:14; Fp 2:1, 2). De fato, a igreja necessita ser compreendida como uma comunidade de fé que é chamada para permanecer no Espírito. Assim, os crentes são individualmente constituídos em uma nova casa espiritual de Deus “no Espírito” (Ef 2:22). Como seguidores de Cristo, devemos estar zelosamente empenhados em “conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz” (Ef 4:3).

Pelo mesmo Espírito, também somos batizados no corpo de Cristo (1Co 12:13). O Espírito Santo nos une, através do batismo em um corpo; conseqüentemente, a igreja, como comunidade de fé se torna o

lugar da habitação do Espírito Santo (1Co 3:16, 17; Ef 2:19-22). Além disso, o Espírito Santo apoia e sustenta os vários membros do corpo de Cristo, outorgando-lhes dons espirituais. São diferentes dons, que o mesmo Espírito distribui individualmente, segundo a vontade dEle (1Co 12:11), e que cooperam para o bem comum (v. 7), de modo que o corpo de Cristo seja bem equipado para o cumprimento da missão de proclamar o evangelho eterno a um mundo prestes a perecer. Considerando que o Espírito Santo distribui Seus dons conforme Sua vontade, não devemos esperar que todos os crentes recebam obrigatoriamente todos os dons.

*“Sem o Espírito Santo, fé e amor estarão ausentes em nossas respostas à mensagem da Escritura”*


O Espírito Santo produz amor em nosso coração (Rm 5:5; Gl 5:22; Cl 1:8), e esse amor nos reúne em perfeita harmonia (Cl 3:14). Nesse amor e unidade espiritual, “não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus”, através da obra do Espírito (Gl 3:28).

Frequentemente creditamos a seres humanos a habilidade de plantar, estabelecer e manter igrejas. Entretanto, não devemos nos esquecer de que, em mais profunda instância, a própria existência da igreja depende do Espírito Santo. Podemos buscar unidade e paz, bem como fazer tudo para evitar contenda e discórdia entre nós; mas a verdadeira unidade é trabalho do Espírito. Somos Seus humildes servos e não devemos estorvar Sua influência.

O fundamento teológico para a unidade da igreja é a operação do Espírito Santo através da divina Palavra escrita, por Ele inspirada. O Espírito de Cristo, que habita nos cristãos ja-

mais nos leva a duvidar, criticar, ir além ou minimizar os ensinamentos bíblicos. O Espírito Santo trabalha com a Bíblia, a fim de que ela se revele a Palavra viva de Deus, que pode transformar nossa vida.

Em suma, o Espírito Santo é a terceira Pessoa da Divindade, trabalhando harmoniosamente com Deus, o Pai, e com Deus, o Filho, na criação e em nossa salvação. O Espírito Santo nos desperta da morte espiritual, leva-nos à conscientização de nossa pecaminosidade e perdição, criando em nós o anseio por mudança e conduzindo-nos a Jesus Cristo. Ele nos dá a certeza da salvação, amoldando-nos para que sejamos semelhantes a Jesus e habilita-nos a cumprir a vontade e a missão de Deus. Ele gerou a Palavra escrita de Deus, como nosso guia seguro e única norma para a vida e doutrina cristãs. Finalmente, o Espírito Santo une a igreja no fundamento da Palavra de Deus.

Graças a Deus por Sua sublime presença, através do Espírito Santo! 

### Referências:

- <sup>1</sup> Bruce A. Ware, *Father, Son and Holy Spirit: Relationships, Roles and Relevance* (Wheaton, IL: Crossway Books, 2005), p. 104.
- <sup>2</sup> James I. Packer, *Keep in Step with the Spirit* (Leicester, Inglaterra: InterVarsity Press, 1994), p. 6, citado em Graham A. Cole, *He Who Gives Life: The Doctrine of the Holy Spirit* (Wheaton, IL: Crossway Books, 2007), p. 284.
- <sup>3</sup> Graham A. Cole, *Ibid.*
- <sup>4</sup> Sobre a divindade e personalidade do Espírito Santo, ver Edward Henry Bickersteth, *The Trinity* (Grand Rapids, MI: Kregel Publications, 1993); Max Hatton, *Understanding the Trinity* (Alma Park Grantham, Inglaterra: Autum House, 2001); Woodrow Whidden, Jerry Moon e John Reeve, *The Trinity: Understanding God's Love, His Plan of Salvation and Christian Relationships* (Hargestown, MD: Review and Herald, 2002).
- <sup>5</sup> Bernard Ramm, *The Pattern of Religious Authority* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1968), p. 29.
- <sup>6</sup> João Calvino, *Calvin: Institutes of the Christian Religion* (Philadelphia: Westminster John Knox Press, 1988), v. 1. p. 7.
- <sup>7</sup> *Ibid.*, p. 7, 4.
- <sup>8</sup> Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 7.
- <sup>9</sup> Graham A. Cole, *Op. Cit.*, p. 151.
- <sup>10</sup> Ver Thomas C. Oden, *Systematic Theology* (Peabody, MA: Prince Press, 2011), v. 3, p. 185.
- <sup>11</sup> João Calvino, *Op. Cit.*, 3.1.1.
- <sup>12</sup> Robert Letham, *The Work of Christ* (Leicester, Inglaterra: InterVarsity Press, 1993), p. 80, citado em Graham A. Cole, *Op. Cit.*, p. 217.

*“O poder do Espírito Santo não é mera força intelectual, como a manifestada em discursos de poderosa eloquência. O dinamismo do Espírito pode se unir aos dons de conhecimento e eloquência como os de Paulo; mas também pode ser concedido aos não instruídos como Pedro e João. O fogo resplandecente do intelectualismo pode impressionar e seu efeito parecer sobrenatural, mas não pode ser confundido com o Espírito Santo. Uma coisa é eletrizar os ouvintes; porém trazê-los arrependidos aos pés de Cristo é algo totalmente distinto. O primeiro é um assunto inteiramente de palavras; o outro é manifestação do poder do Espírito Santo”.*

*“O Espírito Santo é todo equipamento de que a igreja necessita. Na era apostólica, foi tão suficiente que, com 120 membros cheios do Espírito Santo, a mensagem foi estendida muito além do que se tem propagado desde então até nossos dias, apesar de nossas facilidades múltiplas. Os homens, seus dons, métodos, suas leis, todas essas coisas são maquinaria morta, a menos que sejam vitalizadas e tornadas efetivas pelo Espírito do Pentecostes”.*

*“Onde estão os homens cheios do Espírito Santo, como estiveram os primeiros cristãos nos dias apostólicos? Corremos o gravíssimo risco de depender de homens, métodos e dinheiro em lugar de depender do único recurso que pode levantar homens, dirigi-los, vitalizá-los e capacitá-los com métodos corretos, produzindo e abençoando o dinheiro necessário”.*

*“Nosso grande erro não consiste na falta de maior zelo nem de mais incentivo, mais força nem mais atividade. Nosso erro consiste simplesmente em uma atitude indiferente para com o Espírito Santo. Estamos tratando de render um serviço aceitável a Deus, quase sem considerar o único poder mediante o qual esse serviço pode ser cumprido. Na igreja, como no mundo, tudo é pressa, velocidade, pressão. Achemo-nos tão ocupados que não temos tempo para atender as questões mais necessárias. Nossas mãos estão cheias, porém, muito amiúde, nosso coração pode estar vazio”.*

LeRoy E. Froom



# Frutt's

Lançamentos 2012

FRUTT'S  
ABACAXI  
COM HORTELÃ  
E MARACUJÁ ZERO

MAIS REFRESCÂNCIA  
PARA O SEU DIA

EXPERIMENTE!



NÃO CONTÉM GLÚTEN

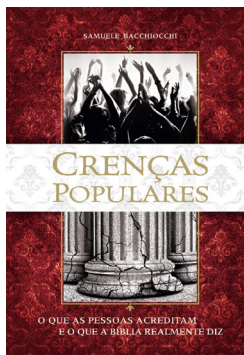
[www.superbom.com.br](http://www.superbom.com.br) | 11 2842.1800

**Superbom**  
A Sua Saúde é Sagrada!



### CRENÇAS POPULARES

Samuele Bacchiocchi, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, e-mail: [sac@cpb.com.br](mailto:sac@cpb.com.br); tel.: 0800 9790606; 368 páginas.



Um número cada vez maior de cristãos questiona a autenticidade de suas crenças. Eles anseiam descobrir se aquilo em que foram doutrinados está fundamentado nos ensinamentos da Bíblia ou se não passa de mera tradição. Para responder a questionamentos como esse, o Dr. Samuele Bacchiocchi dedicou 30 anos de sua vida pesquisando e escrevendo livros a respeito de crenças populares da atualidade, a partir da perspectiva bíblica. Bacchiocchi foi o primeiro não católico a cursar doutorado na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma.

### MENSAGEM DE DEUS

José Carlos Ramos, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 128 páginas.



Nos últimos anos, o mundo tem enfrentado uma série de crises. Diante disso, muitas pessoas se voltam para as profecias, na tentativa de entender melhor o presente e o futuro. Essa busca é válida, desde que o foco seja a revelação autêntica da Palavra de Deus. Mas, a profecia bíblica é muito mais que o mero prognóstico de eventos futuros. Neste livro, você entenderá melhor o que é profecia, descobrirá como interpretá-la e terá uma visão mais profunda de Cristo, que é o centro da profecia.

### O INCOMPARÁVEL JESUS CRISTO

Amin A. Rodor, Imprensa Universitária Adventista, Engenheiro Coelho, SP, [www.unaspress.unasp.edu.br](http://www.unaspress.unasp.edu.br), tel.: (019) 3858-9000; 142 páginas.



Quem é Jesus Cristo? Essa é uma pergunta para a qual existem diversas respostas. Contudo, por todos os critérios de avaliação, Jesus é incomparável. Ele foi e continua sendo alguém de quem devemos ler e ouvir. Sua vida, Seus ensinamentos e milagres constituem um desafio à lógica e à compreensão comum, além de um verdadeiro paradoxo. O livro oferece uma perspectiva particular e inspiradora desse extraordinário Homem-Deus.

### NA COVA COM UM LEÃO EM UM DIA DE NEVE

Mark Batterson, Editora Vida, São Paulo, SP, [www.editoravida.com.br](http://www.editoravida.com.br), tel.: (11) 2618-7000; 182 páginas.



Ficar preso em uma cova com um leão não está na lista de desejos de ninguém. Mas, que alguém tenha matado um leão em uma cova em um dia de neve parece ser bem impressionante para o currículo de uma pessoa. Isso foi o que aconteceu com Benaia, corajoso personagem da Bíblia. Neste livro, o leitor verá como Deus usa experiências passadas para nos preparar para as oportunidades futuras.



Carlos Hehin

Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana

# Procurando apaixonados

**D**epois de rejeitar Saul, [Deus] levantou-lhes Davi como rei, sobre quem testemunhou: ‘Encontrei Davi, filho de Jessé, homem segundo o Meu coração; ele fará tudo o que for da Minha vontade’ (At 13:22).

Esse texto nos transmite a ideia de um Deus que busca pessoas a fim de cumprir Seus propósitos de salvação para o mundo. Quando eu era adolescente, ouvi um sermão sobre ele. Naquela ocasião, fui atingido pelo desejo de ser achado por Deus a fim de ser pastor.

Durante a mensagem, o pregador falou que Saul, primeiro rei de Israel, havia fracassado como estadista e líder espiritual. A situação era dramática. Fazia-se necessário escolher outro líder. Então, por meio do profeta Samuel, Deus achou Davi.

Assim como nos dias do Antigo Testamento Deus buscou e encontrou Abraão, José, Moisés e muitos outros, nos tempos da igreja primitiva Ele continuou a busca por pessoas que promovessem Sua causa no mundo. Foi assim que, na poeirenta estrada rumo a Damasco, Ele encontrou Saulo, que depois se tornou Paulo, o apóstolo dos gentios. Desde aquele memorável encontro, “Cristo, e este crucificado” Se tornou a suprema paixão da vida desse apóstolo. Humberto Rodhen assim o descreveu: “Paulo era um livro que falava só de Cristo. Era uma chama que ardia só para Cristo. Era um gênio que só pensava em Cristo. Era um homem com uma vontade que só desejava Cristo. Era um soldado que lutava só por Cristo. Era uma pessoa que vivia só para Cristo, por Cristo e através de Cristo.”

Sim, através dos séculos Deus tem procurado homens e mulheres para Seu serviço. Quando o mundo foi envolvido pela longa noite da apostasia medieval, Deus buscou um homem que O ajudasse a dissipar as trevas da idade escura. Então, achou Martinho Lutero, piedoso monge agostiniano. Com voz eloquente, pregação po-

derosa e persuasiva, Lutero perturbou papas e cardeais, reis e imperadores, estados e continentes, ao pregar a mensagem da justificação pela fé, mudando o curso da História cristã.

Mais tarde, Deus buscou um homem para restaurar Sua igreja em terras pagãs e achou William Carey. Aproximava-se o fim do período profético mais longo registrado na Bíblia – as 2.300 tardes e manhãs – e Deus buscava alguém que proclamasse com poder, certeza e fervor a mensagem do primeiro anjo apocalíptico (Ap 14:6, 7). Achou Guilherme Miller. Nos primórdios do movimento adventista, Ele procurou um profeta e achou uma menina – Ellen G. Harmon, mais tarde, Ellen G. White.

Deus continua buscando pessoas, e aqui surge uma pergunta: Quais são as características do

*“Deus está em busca de pastores que tenham genuína paixão pelos pecadores”*

ser humano a quem Ele busca? Certamente, não busca apenas alguém rico, famoso ou intelectual. Carey era sapateiro, Lutero era filho de um mineiro, Davi, pastor de ovelhas. Aquele a quem Deus procura não precisa ser perfeito. Diante do chamado divino, Isaías exclamou: “Ai de mim! Estou perdido! Sou um homem de lábios impuros” (Is 6:5). Pedro era impulsivo em suas reações e explosivo na conduta. Paulo era intolerante e rude. Porém, todos foram transformados e, pela graça de Deus, capacitados para promover a missão.

Na verdade, todos aqueles a quem Deus achou tinham duas características: Consagração e paixão pelos perdidos. É-nos dito que Jesus não via diante de Si apenas uma massa uniforme de pessoas; Ele via homens e mulheres, jovens, idosos e crianças, e era movido com apaixonada ternura por todos. Semelhantemente, Deus procura pastores que tenham semelhante paixão pelos pecadores.

Sim, a pessoa a quem Deus procura hoje tem que estar disposta a se entregar incondicionalmente nas mãos de Deus, a fim de ser usada como instrumento no resgate daqueles por quem Cristo deu a vida. Achou Ele você? ▀



# Série LOGOS

Conheça os primeiros  
lançamentos desta coleção!



## Comentário Bíblico – vol. 1

*Adventista do Sétimo Dia*  
*Gênesis a Deuteronômio*

Editor: Francis D. Nichol

Este primeiro volume contém o comentário referente aos cinco primeiros livros da Bíblia (*Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio*). Apresenta artigos que abordam diferentes aspectos da história, arqueologia, cultura, formação do texto e do cânon das Escrituras e um material suplementar que relaciona os escritos de Ellen G. White.

Cód:12108  
P. 1.264

## Comentário Bíblico – vol. 2

*Adventista do Sétimo Dia*  
*Josué a 2 Reis*

Editor: Francis D. Nichol

Este segundo volume apresenta o comentário referente aos livros históricos de *Josué, Juízes, Rute, 1 e 2 Samuel e 1 e 2 Reis*, os quais cobrem o período desde a conquista de Canaã, sob a liderança de Josué, até o exílio babilônico e a queda do reino de Judá.

Cód:12109  
P. 1.176

Adquira também o *Tratado de Teologia*.

Este livro possui 28 temas analisados na Bíblia, na história cristã e nos escritos adventistas.

LIGUE  
0800-9790606\*

ACESSE  
WWW.CPB.COM.BR

FAÇA SEU PEDIDO NO  
SELS DE SUA ASSOCIAÇÃO

OU DIRIJA-SE A UMA  
DE NOSSAS LIVRARIAS

\*HORÁRIOS DE ATENDIMENTO: SEGUNDA A QUINTA, DAS 8H ÀS 20H / SEXTA, DAS 8H ÀS 15H45 / DOMINGO, DAS 8H30 ÀS 14H.

